



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literatura – TEL
Programa de Pós-Graduação em Literatura
Mestrado em Literatura e Práticas Sociais

Silêncios e Gritos, Corpos e Sexualidade:
filhas e mães representando a repressão sexual em *O Espartilho*, *Verão no Aquário* e
As Meninas de Lygia Fagundes Telles

Adriana Mattoso Rodrigues

Brasília, DF
Dezembro, 2010

Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Letras – IL
Departamento de Teoria Literária e Literatura – TEL
Programa de Pós-Graduação em Literatura
Mestrado em Literatura e Práticas Sociais

Silêncios e Gritos, Corpos e Sexualidade:
filhas e mães representando a repressão sexual em *O Espartilho*, *Verão no Aquário* e
As Meninas de Lygia Fagundes Telles

Adriana Mattoso Rodrigues

Dissertação apresentada ao Mestrado em Literatura e Práticas Sociais, do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura e Práticas Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cíntia Carla Moreira Schwantes

Brasília, DF
Dezembro 2010

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Cíntia Carla Moreira Schwantes (TEL/IL/UnB)
(Presidente)

Professora Doutora Ana Lúcia Galinkin (PST/IP/UnB)
(Membro efetivo)

Professor Doutor João Vianney Cavalcanti Nuto (TEL/IL/UnB)
(Membro efetivo)

Professora Doutora Virgínia Maria Vasconcelos Leal (TEL/IL/UnB)
(Suplente)

Dissertação defendida e aprovada em: 20/01/2011.

DEDICATÓRIA

Apesar de se tratar de uma dissertação sobre a maternidade, peço licença a todas as mulheres que já sofreram as benesses e agruras de se encaixarem no papel de filha ou de mãe, para dedicar esse trabalho ao meu pai, Antônio Humberto de Pinho Rodrigues (*in memoriam*), pois sua lembrança trouxe-me força de vontade quando mais foi preciso. Sua perda inesperada deixou uma lição de vida simples, mas repleta de sabedoria e maturidade – nunca é tarde para mudar de rumo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Cíntia Schwantes por ter me aceito como mestranda e por ter confiado na minha capacidade, além de ter me orientado com paciência, sabedoria e bom humor, o que tornou minha entrada na academia prazerosa e agradável. Agradeço também à professora Regina Dalcastagnè por ter me apresentado os estudos sociais e de gênero, por ter aberto as portas da academia para uma aluna, na época, demasiado imatura.

Agradeço especialmente a Marcos Robalinho Lima, meu marido, pela compreensão, estímulo, apoio psicológico, financeiro e emocional, além do incentivo para trilhar os passos da vida acadêmica. Agradeço a ele também por ter participado de tal forma do meu trabalho que se tornou um feminista.

Agradeço à minha família por ter compreendido ausências e atrasos durante essa árdua jornada. À minha mãe, Sônia Maria do Prado Mattoso, por todas as agruras e alegrias inerentes à sua função, que são por mim agora compreendidas. Agradeço também à Anna Maria de Lucena Rodrigues, por me possibilitar o acesso a grande parte da bibliografia dessa dissertação através de empréstimos pessoais feitos em seu nome na Biblioteca do Senado no período em que a BCE esteve fechada.

RESUMO

Este trabalho faz uma leitura analítica da representação da repressão sexual tendo como foco sua transmissão de mãe para filha na literatura nas obras *Verão no Aquário*, *O Espartilho* e *As Meninas* de Lygia Fagundes Telles. Considerando a literatura como uma prática social podemos assim analisar como a repressão sexual é praticada pela mãe e como se manifesta a reação por parte das filhas. Considerando essa relação uma relação deficiente quanto ao estabelecimento de fronteiras identitárias, pois mães e filhas estão intimamente ligadas devido aos papéis sociais que atrelam a identidade da mulher à maternidade. A situação entre mãe e filha é também, uma das razões pelas quais a transmissão da repressão sexual se dá de forma inconsciente e se reproduz até os dias de hoje. As teorias sociais, de gênero e psicanalíticas dão suporte para analisar como essas relações são estabelecidas no meio social e familiar, no nível individual e social, que aparecem testemunhadas através da criação literária feminina.

Palavras-chave: Representação. Maternidade. Repressão sexual. Gênero.

ABSTRACT

This dissertation attempts an analytical reading of sexual repression, focusing on the transmission from mother to daughter in the literature, more specifically in *Verão no Aquário*, *O Espartilho* and *As Meninas*, by Lygia Fagundes Telles. It is relevant to take into account how sexual repression is put into practice by the mother, and how the reactions of the daughter manifests itself. Taking into account that this is a troubled relationship, when it comes to the establishment of identity frontiers, since mothers and daughters are intimately connected due to women social roles that bind their identity to motherhood. This intimate relationship is why the transmission of sexual repression happens at an unconscious level, and is reproduced until these days. Social, psychoanalytical and gender theories give support to the study on how these relationships are established in the social and familial milieu, at the individual as well as at the social level, and are shown through women's writings.

Key words: Representation. Motherhood. Sexual repression. Gender.

RESUME

Cet étude cible une lecture, à niveau psychanalytique et dans des rapports sociaux, de la représentation de la répression sexuelle autant que transmise de mère à fille, dans la littérature, spécifiquement dans les œuvres *O Espartilho*, *Verão no Aquário* e *As Meninas* de Lygia Fagundes Telles. En considérant la littérature une pratique sociale, il est possible d'analyser la manière laquelle cette répression est exercée par la mère et comment la fille manifeste sa réaction. Cette lecture analyse la liaison entre mère et fille comme une liaison problématique lorsque les frontières identitaires entre eux sont établies de façon déficitaire à cause de la fixation des rôles de genre, qui lie l'identité de femme à la féminité et à la maternité. Tout ça contribue pour la transmission inconscient de la répression sexuelle. Les théories sociales, de genre et psychanalytiques donnent le soutien nécessaire, à niveau individuel et sociaux, pour faire l'étude de ces rapport dans le milieu social et familiale dont ils se font connaissance par rapport de la littérature féminine.

Mots-clés: Représentation. Maternité. Répression sexuelle. Genre.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 Contexto histórico	9
1.2 A mulher e a literatura no Brasil do século XIX ao XXI	12
2 DE ONDE VÊM AS MÃES? UMA LEITURA FEMINISTA DA PSICANÁLISE DA MATERNIDADE FREUDIANA.....	19
2.1 Um breve histórico sobre a invenção da maternidade e o feminismo	19
2.2 A maternação exclusivamente feminina reproduzindo mães	23
2.3 Tal mãe, tal filha.....	25
3 DE ONDE VÊM AS FILHAS? OU MÃES QUE GERAM MÃES	28
3.1 Ainda somos as mesmas e vivemos como nossas mães (?)	28
3.2 Tipos de mãe = tipos de filha	29
3.3 Trabalho, marido ou filhos?	30
3.4 Porque as mulheres maternam?.....	32
4 TIRE A MÃO DAÍ, MENINA! CALANDO E CONTROLANDO A SEXUALIDADE DA MULHER.....	35
4.1 Por que falar de sexualidade?.....	35
4.2 O romance de formação para formação de identidades femininas	36
4.3 E a mulher com isso?	37
4.4 Fazendo falar o silêncio	38
5 A AVÓ-RAINHA E O CAVALO NEGRO: UM DUELO ENTRE AVÓ E NETA EM <i>O ESPARTILHO</i>	41
6 A FALÊNCIA DA FAMÍLIA FREUDIANA: A OBJETIVAÇÃO DO DESEJO EM <i>VERÃO NO AQUÁRIO</i>	49
7 TRÊS ESTILOS E DOIS DESTINOS: OS ÚNICOS DESTINOS QUE PARECIAM POSSÍVEIS EM AS <i>MENINAS</i>	57
8 CONCLUSÃO	68
REFERÊNCIAS	74

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contexto histórico

No início do século XIX, o Brasil ainda era um país predominantemente rural e sua elite tinha uma forte influência da aristocracia portuguesa de mentalidade escravista – *a família patriarcal brasileira*¹. A sociedade brasileira se transformou bastante durante esse século com a consolidação do capitalismo possibilitou a ascensão da burguesia de sua mentalidade. A proclamação da república, em 1889, trouxe a preocupação em ser civilizado como os europeus (ter “bons modos”), influenciou na separação dos ambientes entre a casa e a rua, o público e o privado, e também na família, que substituiu as relações senhoriais pelas de cunho burguês.

A família nuclear burguesa tem servido desde então como molde para as relações sociais e identitárias dos indivíduos brasileiros. Essa instituição sofreu adaptações ao ser adotada no Brasil, mas a valorização da mulher como mãe e esposa, sua domesticidade e a distribuição dos papéis também estavam presentes no nosso modelo. A mulher da elite tinha uma vida social controlada de perto, e ficava grande parte do tempo trancada dentro de casa. Os valores burgueses relaxaram a vigilância, que na verdade, passou a ser exercida pelas próprias mulheres, mas não fizeram com que elas abandonassem o ambiente doméstico, pois passaram a ser responsáveis pela organização do lar e do cuidado com os filhos. Como a criadagem era farta, os momentos de ócio possibilitaram o surgimento de um público leitor que era predominantemente feminino, o que ajudou a difundir os modelos de maternidades e os ideais do amor romântico nos moldes daqueles surgidos na Europa no século XVIII.

De todo modo, a família nuclear burguesa teve e ainda tem muita importância por servir de parâmetro dos valores sociais e políticos brasileiros. Como todo modelo, ela é redutora, o que gera mais exceções do que atualizações exatas. A busca pelo enquadramento nesse molde é uma das principais causas dos conflitos familiares representados na literatura, sobretudo de autoria feminina. A família sofre hoje o que se convencionou chamar de “decadência do patriarcado”, onde homens sem poder financeiro tentam controlar o lar, mulheres chefes de família desempoderadas socialmente sofrem as dificuldades de sua condição, que não é adequada aos seus novos papéis, fazendo com que os filhos fiquem divididos entre um modelo falido e outro naturalmente fraco.

1 Essa família era marcada pelo controle do pai, que detinha enorme poder sobre seus dependentes e também agregados e escravos. (VIANNA apud D'INCAO in DEL PRIORE, 2009, p. 223)

A maternidade se configura como um problema mais elaborado para a mulher a partir do século XIX (até os nossos dias) porque limita cada vez mais seu papel na sociedade na medida em que seu exercício passa a dar significado à existência feminina. A consolidação da república consolida também a medicalização como uma política de controle social². A mulher passa a ter sua mente (psicologia) e seu corpo (biologia) definidos a partir da maternidade. A associação íntima feita entre a mulher e a natureza (e o irracional) a partir do positivismo contribuiu ainda mais para definir a mulher a partir de sua função biológica, enfatizando a diferença entre os sexos e dotando o masculino de razão e o feminino de emoção. Seguindo esse binarismo, pode-se perceber que a partir daí a mulher sempre vai ocupar a posição oposta ao homem, assumindo uma conotação sempre negativa. Do natural negativo para o imoral perigoso foi apenas uma evolução presumível no pensamento patriarcal dominante que não se preocupava com a perspectiva feminina ou com os desmandos de sua lógica cartesiana. A única coisa que poderia salvar a mulher de sua natureza duvidosa era o casamento e a maternidade. Ao analisar como o discurso psiquiátrico influenciou na construção da feminilidade, Magali Engel ilustra bem o papel da maternidade:

Apesar das contradições e dos impasses dos alienistas diante das ambiguidades do ser feminino, eles jamais abandonariam completamente a crença de que a maternidade constituía um dos remédios mais eficazes – senão o mais eficaz – para evitar ou curar moléstias femininas. (ENGEL, Magali *in* DEL PRIORI, 2009, p. 336)

Dentro da importância da maternidade na construção dos corpos e identidades femininas podemos entender a sexualidade como um importante dispositivo de controle. Uma mulher sensual se desvia do padrão feminino, que é a mãe frígida (aquela que “deixa a natureza agir”) que só faz sexo por amor ao marido e para ter filhos, era um status indesejável para qualquer mulher que quisesse gozar de uma boa posição na sociedade. Com isso, as mães controlavam as filhas para que elas não se “perdessem” e a isso também se deve a diminuição na necessidade de trancar as meninas em casa à força. O controle deixa de ser exercido diretamente pelo pai e passa a ser sutilmente exercido pela mãe, o que gera uma tensão entre mãe e filha que vem se atualizando de forma constante.

Esse relacionamento é conflituoso porque filhas e mães são como atrizes representando o mesmo papel em atos diferentes. Comandadas, dirigidas e suspensas pelas cordas invisíveis dos papéis de gênero, elas são tragadas pelo eterno feminino da cultura patriarcal. Filhas e mães se culpam mutuamente, fogem uma da outra e sempre se encontram, nem que seja diante do espelho. O ciclo assim se repete infinitamente. A filha responde ao chamado criando outro, tomando para si o papel da outra. Eu me pergunto: Ser filha é apenas a primeira fase de ser mãe? Mães são filhas? Mais do que uma questão existencialista, está é uma questão fundadora na construção da identidade

2 ENGEL, Magali *in* DEL PRIORI, 2009, p. 332

feminina, que se dilui confusamente na alteridade em troca de um poder falso e ínfimo que é ainda o único que a mulher parece exercer: o de reprimir a sexualidade da filha.

Seu poder não é legítimo, pois é emprestado da figura masculina, do pai. Ele está sempre nos moldes daquilo que as normas sociais designam como correto para uma mulher. Normas sociais essas criadas para dominá-las e controlá-las. Como diz Bourdieu (1998), o valor do feminino é aquilo que pode acrescentar valor ao homem, ou seja, uma mulher que afirme a posição e a virilidade do marido. Ela tem que ser desejada, mas não mal falada; deve ser fértil, mas não despertar dúvidas quanto à paternidade; deve ser mãe e casta. Em meio a tantas imposições, o destino da mulher não poderia ser simples. Um terreno tão fértil que contribuiu inclusive para a criação da psicanálise, que revelou o paradoxo entre seus desejos e as exigências sociais.

Problema em parte fundador e em parte colaborador para a manutenção da situação da mulher na sociedade, a maternidade ainda suscita as questões da sexualidade feminina. Longe de ser definida apenas pela biologia ela é, além de um discurso, um vetor da repressão sexual. A proximidade entre mães e filhas, e os inúmeros relatos, tanto na literatura bem como em outros campos do conhecimento, sobre a tensão existente nessa relação, revelam-na como um interessante objeto de estudo.

Diversas mudanças ocorreram na estrutura familiar brasileira. Hoje, muitas famílias são comandadas por mulheres e em várias delas a figura paterna é inexistente; no entanto, a relação entre mãe e filha mudou pouco. Um exemplo disso é a permanência de uma moral patriarcal que é inclusive prejudicial à independência feminina. Contrariamente àqueles que deveriam ser seus interesses, as mães ainda conservam e transmitem o discurso patriarcal, agindo como porta-vozes da ordem vigente. Analisar a relação mãe-filha é penetrar fundo no problema da libertação sexual feminina. Muito ainda se ouve, e também se pergunta, que apesar de todas as conquistas, as próprias mulheres continuam conservando interditos e tabus com relação à sua sexualidade. Porque a relação entre mãe e filha parece ter mudado tão pouco?

Esse problema ontológico se deve também ao fato de que mães e filhas estão intimamente ligadas no espaço privado graças aos papéis de gênero. As mães, incumbidas da educação dos filhos, teriam o poder de transformar as sociedades a partir do seu núcleo familiar, mas sabe-se que isso não acontece. A manutenção desse *status quo* tem inúmeras razões, mas aquela que interessa ao presente trabalho é a transmissão da repressão sexual de mãe para filha, como abordada pela literatura. Tendo em vista que toda ação gera uma reação, no presente caso, de igual intensidade, mas não em sentido contrário, será trabalhada aqui de que forma as filhas reagem a essas imposições. Para compreender melhor essa transmissão, a crítica psicanalítica e a sociológica se fazem necessárias, sob uma ótica feminista, pois a mulher escritora é vítima dos mesmos preconceitos e controles que a mulher comum:

Como a cultura e os textos subordinam e aprisionam, as mulheres, antes de tentarem a pena cuidadosamente mantida fora de seu alcance, precisaram escapar dos textos masculinos que as definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade, como sonho e devaneio, e tiveram de adquirir alguma autonomia para propor alternativas a autoridade que as aprisionava. (TELLES, Norma *in* DEL PRIORE, 2009, p. 408)

Podemos perceber então que a entrada da mulher no mercado de trabalho foi essencial para o desenvolvimento de uma atividade literária feminina.

1.2 A mulher e a literatura no Brasil do século XIX ao XXI

Tentando se inserir numa tradição masculina as mulheres se sentem deslocadas, já que lhes faltam predecessoras e a todo momento seu deslocamento é reforçado pela crítica literária dona da voz, logo, masculina, que faz questão de colocar a mulher “em seu devido lugar”. Segundo Cristina Ferreira Pinto, a escritora entra num universo estritamente masculino, onde há uma tradição estabelecida. Sabemos ainda que a Literatura Brasileira é extremamente conservadora em suas críticas. Dentre as vozes da Literatura Brasileira pouquíssimas mulheres alcançam o reconhecimento e conseguem entrar para o seletor grupo da Academia Brasileira de Letras. Sem considerar essa glória necessária para que uma escritora seja reconhecida, podemos afirmar que esse número é bem menor do que aquele das mulheres que escrevem, e menor ainda se considerarmos sua cota na parcela da população brasileira.

Dentro desse meio masculino, a autora mulher não tem referências femininas ou uma mentora para seguir e apagar as marcas – uma “mãe primeira” para matar e tomar seu posto. Isso gera uma ansiedade autoral³ que é agravada pelo fato das questões femininas serem menosprezadas literariamente, fazendo com que a escritora que as trabalhe abertamente seja considerada menor. Para conciliar sua problemática com a aceitação pelo meio literário masculino, a escritora opta por trabalhar em dois registros, o que chamamos de literatura em palimpsesto – uma trama ambígua que “parece dizer uma coisa quando na verdade há um subtexto que afirma o oposto” (PINTO, 1990, p. 19).

É importante ressaltar que a falta de “mentoras” é fruto do insistente trabalho da crítica masculina em desprezar e apagar as obras das escritoras de suas antologias, críticas, análises e compêndios históricos, na tentativa de fazer crer que as mulheres não produziram ou aquilo que produziram não tinha qualidade e merecia ser esquecido. Entretanto, o trabalho de pesquisa realizado pela Editora Mulheres, que resultou numa antologia das escritoras brasileiras (e somente

3 “anxiety of authorship” é um conceito criado por Gilbert e Gubar (PINTO, 1990, p. 23)

para o século XIX precisou de três volumes para conseguir abarcar todas as autoras), revelou ainda que além de qualidade, muitas foram as escritoras brasileiras que alcançaram sucesso de público, como Nísia Floresta, Maria Firmina dos Reis, Narcisa Amália de Campos, Júlia Lopes de Almeida entre outras. Algumas destas figuravam também na crítica masculina, que era muitas vezes obrigada a reconhecer seu talento, mesmo que fosse para dizer que elas fariam melhor casando e tendo filhos, como ilustra bem a crítica feita em 1872 à poetisa Narcisa Amália de Campos por C. Ferreira no jornal fluminense *Correio do Brasil*:

Mas perante a política, cantando as revoluções, apostrofando a reio, endeusando as turbas, acho-a simplesmente fora de lugar [...] o melhor é deixar [o talento da ilustre dama] na sua esfera perfumada de sentimento e singeleza. (TELLES, Norma in DEL PRIORE 2009, p. 422)

Com a crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho proporcionado pela entrada da mulher de classes média e alta nas primeiras décadas do século XX, nota-se também um crescimento da participação feminina nos meios artísticos. Dentre as muitas razões para se trabalhar a obra de Lygia Fagundes Telles (doravante LFT) destacam-se: seu pioneirismo⁴, o destaque no processo de decadência da família burguesa – que ressalta a problemática relação entre mãe e filha, e a aliança entre o sociológico e o psicológico obtido colocando em suas narrativas personagens conflituosas que “estão sempre à procura de respostas que expliquem sua situação frente ao seu meio social, assim como buscam maneiras de solucionar o conflito realidade exterior-verdade interior” (PINTO, 1990, p. 110)

A observação meticulosa da autora nos faz penetrar sutilmente no mais íntimo recanto da alma feminina e nos coloca diante de um caleidoscópio de emoções. A obra de LFT traz, em sua maioria, protagonistas femininas dentro de um ambiente familiar urbano onde as figuras masculinas são acessórias ou simplesmente não estão presentes. Embora muito se diga a respeito do caráter psicológico da obra de Lygia, poucas análises profundas são encontradas nesse sentido. A crítica em geral se concentra em temas mais “elevados” da obra de LFT, como as questões raciais e políticas, deixando por vezes esquecido ou tratado com pouca importância um aspecto psicológico que é crucial para o entendimento da sua obra e onde se insere a relação mãe-filha. O crítico Alfredo Bosi, no posfácio escrito para a nova edição de *A Estrutura da Bolha de Sabão*, deixa transparecer o que lhe parece ser o aspecto notado por um crítico inexperiente:

A tentação imediata que ronda o crítico que pretende, como dizem vertentes pós-modernas, desconstruir a narrativa de Lygia é fazer, em primeiro lugar, *uma leitura psicanalítica*.

4 Além de ter sido pioneira do ponto de vista literário, LFT foi ainda pioneira ao seguir uma carreira tradicionalmente masculina, o direito. Ela se formou em uma das universidades mais renomadas do país – a faculdade de direito do Largo do São Francisco. A autora também se engajou politicamente em muitas causas, tendo participado do manifesto dos 100 mil, além de ter abordado a instabilidade política pré e durante a ditadura militar em *Verão no Aquário* e *As Meninas*.

Rejeição uterina, identificação com o pai mal-amado, perversão assumida, ódio entre mãe e filha, solidão desesperada de ambas, vingança: eis a fenomenologia que salta à vista da leitura de “A Medalha”. A leitura sociológica não deixará de colher algum traço da sociedade tradicional paulista em declínio, flagrada, por exemplo, nas alusões mais radicais aos preconceitos raciais da mãe, ambigualmente partilhados pela filha. (BOSI apud TELLES, 2010, p. 167 grifo nosso)

O interessante é notar que cair em tentação ao analisar os textos lygianos, na visão do crítico, significa fazer uma leitura de temas caros à crítica feminista. A descentralização da figura paterna na nova organização familiar se revela em LFT privilegiando as personagens femininas e é dentro dessa panorama que aparece o relacionamento entre mãe e filha:

A família já não vive fechada sobre si mesma, mas expõe-se agora a costumes que entram em conflito com as tradições sociais. Um novo modelo de família vai surgindo, uma cujo cabeça já não é o todo-poderoso senhor da “aristocracia” rural. Embora continue sendo o “chefe” da família, o pai já não tem poder absoluto; a mulher, por outro lado, conquanto tenha visto novas oportunidades abrirem-se para ela, enfrenta ainda desconfianças e preconceitos enraizados em si mesma e nos outros. (PINTO, 1990, p. 118)

A nova condição da mulher dentro da família ainda obedece ao discurso patriarcal que ela mesma “enraizou”. Fora os discursos socialmente construídos, a relação entre mãe e filha tem um importante papel nesse enraizamento com a imposição da repressão sexual de mãe para filha. Esse relacionamento conflituoso rege a problemática das personagens Ana Luísa, de *O Espartilho*, Raíza, de *Verão no Aquário* e Lia, Lorena e Ana Clara, de *As Meninas*.

A tão falada escrita psicológica da autora se revela nos embates íntimos entre filhas e mães dentro das narrativas. Um dos temas principais na obra de LFT, a maternidade, é vista interna e externamente, com todo seu poder controlador sobre os corpos e as identidades femininas. As protagonistas são filhas de diferentes classes sociais, escolaridades e épocas. Todas atormentadas por figuras maternas que vigiam, assombram, julgam, silenciam e acomodam à “norma” seus corpos e sua sexualidade, encerrando-as no contexto da dominação masculina.

A dificuldade das filhas em se separar das mães é devida ao maior contato das filhas-mulheres com as mães, que se revela como um obstáculo para individuação destas – para impor sua própria personalidade. A proximidade da filha com a mãe a faz já deficiente na formação da sua identidade nuclear. A menina não é incentivada a se separar da mãe. O relacionamento com esta é ambivalente e hostil porque a menina se vê sem saída – sua identidade própria é conflitante com a mãe. Tomemos como exemplo o caso de Lorena, em *As Meninas*. Na citação seguinte, a amiga Lia a adverte:

[...] – Você tem que viver sua vida ao seu modo e não do modo que os outros decidirem, ô, Lena, não sei explicar, mas aquela história de Tempo devorando os filhos, não é o deus Cronos? Ele mesmo ia parindo e ele mesmo ia devorando tudo. *Mas de verdade não é o Tempo que engole a gente, é um tipo de mãe como a sua. Um pouco como a minha, também.* Presta atenção, salta fora e ela vai se dedicar a outra causa, a caridade, Deus, quem sabe até vai querer adotar uma criança? Minha mãe adotou uma, está radiosa com a

garotinha que beija e castiga à vontade. [...] (TELLES, 2009, p. 254, grifo nosso)

Percebe-se aqui claramente a dificuldade da personagem Lorena em se separar da mãe e o reconhecimento da amiga Lia de que essa dificuldade é dada pelo caráter em comum das mães de tentar controlar (ou engolir) as filhas.

O primeiro capítulo pretende discutir como as normas sociais são reproduzidas no contexto da maternidade (ou maternação exclusiva feminina). As normas sociais são eficazmente impostas às mulheres através da repressão sexual. Essa reprodução se dá por meio de processos psicológicos induzidos onde mulheres como mães produzem filhas para serem mães. Segundo a psicóloga Suzana Pravaz (1981), as mulheres reagem a essa reprodução dos papéis de gênero e à estrutura social impondo um *mandato*⁵ às suas filhas, desejando que elas sejam melhores, mais felizes, mais independentes, se alternando no papel de algozes ou benfeitoras.

As mães de LFT podem ser aquelas que exercem a função de patriarca da família, autoritárias, intransigentes e muitas vezes manipuladoras. Ou aquelas que parecem tolerantes, mas que no fundo agem com as filhas através da chantagem emocional, fruto de uma fronteira mal estabelecida do eu. Essas mães sufocam as filhas com um excesso de cuidado, o que reflete também um receio de que as filhas não sigam as normas repressoras e sejam mal vistas por seu meio social. Existe ainda as mães que se adequaram profundamente ao papel feminino, e que nem ao menos se questionam ou tentam passar conscientemente os valores às suas filhas.

A construção do eu feminino passa por uma função feminina extremamente desvalorizada socialmente que recoloca permanentemente a mulher fora do poder. A maternidade reproduz os papéis de gênero e a divisão sexual do trabalho. As mulheres compreendem algo desse mecanismo e tentam fugir dele, mas centram os esforços contra a figura que lhes parece mais ameaçadora: a mãe. Sem perceber que no fundo a mãe também luta e impõe à filha um mandato.

Cada mandato imposto pela mãe gera uma resposta por parte da filha. Ela será igual ou diferente, mas sempre tendo a própria mãe como parâmetro. O segundo capítulo vai analisar como as mães impõem esse mandato às filhas e quais os tipos de filha são geradas a partir do estilo de mãe.

O terceiro capítulo pretende abordar como as personagens internalizam todas as imposições maternas e como, na falta de poder para rebater essa ordem, elas respondem através dos silêncios. A contradição entre desejos e imposições acaba por se manifestar no inconsciente e desenvolver neuroses e comportamentos compulsivos nas personagens. Muito da riqueza da construção lygiana se dá nesse ponto, pois suas personagens conseguem nos falar mesmo sem palavras. A tentativa do terceiro capítulo é compreender os significados dos silêncios, sobretudo os corporais, no diálogo

5 O conceito de mandato será explicado no item 2.3

entre mãe-filha tratando dos problemas relativos à sexualidade feminina. As mulheres foram “ensinadas” ao longo de gerações a não falarem sobre sua sexualidade. Tomo emprestadas as palavras de Michelle Perrot (2003) para compreender os silêncios dos corpos:

[...]O silêncio [...] pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal da reprodução. O corpo feminino, no entanto, é onipresente: no discurso dos poetas, dos médicos ou dos políticos; em imagens de toda a natureza – quadros, esculturas, cartazes – que povoam as nossas cidades. Mas esse corpo exposto, encenado, continua opaco. Objeto do olhar e do desejo, fala-se dele. Mas ele se cala. As mulheres não falam, não devem falar dele. O pudor que encobre seus membros ou lhes cerra os lábios é a própria marca da feminilidade. (PERROT, 2003, p. 13)

Ou seja, o corpo feminino sofre todas as interferências, incisivas ou não, dos discursos, e sua sobrecarga de significados externos revela o silêncio como interdito para a mulher falar de seu próprio corpo.

Nas obras trabalhadas as protagonistas se deparam com uma blindagem situada entre seus desejos e seus corpos. São tantas as proibições que lhe são impostas que seus corpos lhe são estranhos, interditados. Eles só podem se expressar furtivamente. Seu falar é silencioso. Muito do que diz respeito à sexualidade feminina no sentido libertário é polêmico. À mulher que foge aos padrões resta ser segregada ou mal vista. Elas têm consciência disso. Dentro do contexto das obras, onde mesmo uma manifestação contrária é motivo para segregação, como as personagens manifestam sua revolta? Através de silêncios.

Dentro de uma narrativa psicológica, e depois das descobertas de Freud, o corpo passa a ser melhor compreendido como um ponto de intersecção onde atuam as experiências individuais da sexualidade, das normas sociais e culturais. Ele não pode ser desprezado na análise da repressão sexual. “Uma sociedade repressora e uma moral conservadora acarretam segredo e clandestinidade nas práticas sexuais que podem provocar distúrbios físicos e psíquicos” (CHAUÍ, 1984, p. 19). A repressão da libido causa os distúrbios e não o contrário (FREUD, 1997). Assim, qualquer vivência da sexualidade se dá de forma furtiva e culpada, como ilustra a citação a seguir:

[...] Enfim, ela perguntou e se não respondi com maior nitidez foi porque nunca podia bem alcançar aquela tarde lá atrás. Masturbação? Aquilo? Treze anos, lição de piano. [...] A ânsia no peito, o sexo pisoteando a almofada com a mesma veemência das mãos martelando o teclado sem vacilação, sem erro. [...] (TELLES, 2009, p. 24)

O onanismo, pecado até para os jovens homens, deve ser disfarçado e negado com veemência, afinal, as mulheres não devem praticá-lo pois é uma satisfação sexual que não tem relação com o amor marital ou a maternidade.

O quarto capítulo pretende analisar o conto publicado em 1978, *O Espartilho*, que traz a história da jovem Ana Luísa e sua família, composta por ela, sua avó (simpatizante de Hitler) e a empregada (membro bastardo da família) Margarida, no período entre guerras. Uma família rica e

tradicional da qual se acredita sobra apenas Ana Luísa e a avó. A jovem vai compreendendo a realidade em meio as suas observações das fotos das mulheres da família, das meias palavras de sua avó e das revelações de Margarida. O choque da personagem com uma outra realidade onde nem ela nem a avó eram o que pareciam, faz com que a personagem entre num embate silencioso com a avó e suas normas. Ana Luísa se vê como um brinquedo dela, que controla até seu relacionamento amoroso, apenas porque o namorado não pertence à sua classe. O mesmo ocorre com Margarida em posição inversa. A empregada não poderia namorar um rapaz branco e de boa família.

Verão no Aquário (de 1963) tem como protagonista Raíza, filha de uma mãe que veio da classe alta e um pai estrangeiro, mas sua família é decadente. Sustentada pela mãe, Raíza parece não entender o comportamento dela e a culpa pela morte do pai. A jovem desconta todas as suas frustrações na mãe talvez por má-fé ou porque se sente de tal forma à sombra dessa mãe forte, inteligente e bonita, que não se reconheça na sua própria individualidade, tentando se diferenciar dela e incapaz de se identificar com o pai. Parece ser um típico caso edípico, mas ao analisarmos mais de perto essa relação no quinto capítulo podemos ver que o objeto perseguido por Raíza é a própria mãe, pois ausência do pai contribuiu para que a protagonista não abandonasse a mãe como objeto de desejo.

O romance *As Meninas* possui três protagonistas: Lorena, de família rica e tradicional, estudante de direito; Lia, da classe média baiana, estudante de Ciências Sociais e Ana Clara, da proletária, estudante de psicologia. No romance as três jovens moram num pensionato de freiras em São Paulo em 1973, no período da ditadura militar. Distantes fisicamente de suas mães, a presença delas é frequente nos pensamentos e conversas das personagens. O sexto capítulo faz uma leitura do romance no qual, mais do que em qualquer outra das narrativas analisadas, a presença de um mandato familiar e de uma resposta é clara na narrativa. Lorena vive na sua concha, seu quarto, mantida presa por uma mãe controladora e dependente que teve que “criar” um mundo seguro para a filha num pensionato para que ela pudesse se casar novamente (após ter internado o marido num hospício) com um homem mais novo e visivelmente oportunista. Lia se divide entre a vontade de ser uma revolucionária ou uma bucólica mãe e dona-de-casa. Ana Clara não consegue se libertar do fantasma da mãe, que por sua dependência emocional extrema dos homens com quem vivia, acaba cometendo suicídio. Ela bloqueia sua própria sexualidade e a usa como forma de tentar escapar da pobreza, que para ela foi a única razão de ter sido estuprada na infância.

Durante a leitura das obras, fica nítida a tensão entre mães e filhas no que se refere à sexualidade. Todas as personagens tem algum problema nesse âmbito. As normas e valores impostos (muitas vezes sutilmente) por essas mães fazem com que elas representem o papel de baluartes do patriarcado e coloquem suas filhas num conflito de difícil solução. Olhando de perto, nenhuma das personagens consegue se encaixar nos padrões que muitas vezes elas chegam a desejar

pela pretensa tranquilidade que a normalidade instaura (como é caso de Lia).

Fechando a análise, o sétimo capítulo concluí como a representação da relação mãe-filha feita por LFT consegue revelar em atuação os mecanismos de reprodução das normas sociais e os conflitos provenientes dele. As obras mostram um tenso jogo de representação da sexualidade entre filhas e mães. Somos levadas a crer que no final a norma prevalecerá, pois à exceção da personagem que morre no decorrer da narrativa, apenas Lia e Ana Luísa parecem acenar uma mudança no destino típico das personagens femininas (acomodação, morte ou loucura). Mesmo assim suas narrativas acabam com uma possibilidade de inércia, ou aceitação, no ar.

Há também uma pungente caracterização da identidade feminina que pretende (ou luta) para se separar da figura materna. Podemos dizer, mulheres como filhas, onde o maior conflito parece estar numa imposição das funções de gênero, onde a ordem parece querer representá-las não como filhas, mas sempre como futuras mães.

2 DE ONDE VÊM AS MÃES? UMA LEITURA FEMINISTA DA PSICANÁLISE DA MATERNIDADE FREUDIANA

2.1 Um breve histórico sobre a invenção da maternidade e o feminismo

A maternidade se inscreve socialmente não apenas como uma função biológica, mas como uma das funções definidoras da mulher. O feminino e o desenvolvimento psicológico da mulher estão ligados à maternidade por meio de vários discursos. O discurso de Rousseau (séc. XVIII) inaugurou um pensamento que foi reforçado durante duzentos anos e culminou com a teoria psicanalítica de Freud. Para Rousseau, a natureza da mulher era ser mãe, e a aceitação dessa função realizaria a mulher, lhe trazendo felicidade e respeito por parte da sociedade.

A mãe rousseauiana, ou a mãe ideal, não deve se aborrecer em nenhuma ocasião, não tem necessidade de prazer ou agressividade. Deve-se preparar a jovem para ser esse tipo de mãe. Ela comanda totalmente a casa, mas limita-se à ela e deve fugir das tentações, tal uma freira. Tem que dar o exemplo. Esse mito da maternidade foi sendo reiterado pelo discurso religioso, que prometia à mulher que seguisse o exemplo de Maria, sendo uma mãe abnegada e paciente, recompensas no céu. De qualquer modo, a mulher que não seguisse sua natureza seria tal como Eva e seu destino seria a perdição. O discurso da maternidade adquiriu diversas formas, desde uma bênção até uma ameaça. No entanto, a criação da infância e do amor romântico não foram suficientes para que a mulher abrisse mão do pouco que possuía em nome de uma tarefa biológica que lhe era ensinada por homens. Mesmo assim, os discursos em favor da maternidade causou-lhe um mal-estar, como explica Elizabeth Badinter (1980) no trecho abaixo:

A pressão ideológica foi tal que elas se sentiram obrigadas a ser mães sem desejá-lo realmente. Assim, viveram sua maternidade sob o signo da culpa e da frustração. Talvez tenham feito o máximo esforço para imitar a boa mãe, mas, não encontrando nisso a própria satisfação, estragaram sua vida e a da de seus filhos. Aí está, provavelmente, a origem comum da infelicidade e, mais tarde, da neurose, de muitas crianças e de suas mães. Mas os pensadores do século XIX, demasiado prisioneiros de seus postulados, não entraram nessas considerações. (BADINTER, 1980, p. 255)

Parte da relutância da mulher em assumir essa nova maternidade consistia no fato de que aquilo que lhe era exigido ia muito além do instinto materno. Essa maternidade exigia que a mulher vivesse em função dos filhos, o que na realidade, para as mulheres do século XVIII (início do mito) que possuíam uma vida social, principalmente as aristocratas, não era nada atrativo, além de uma função pouco gratificante. A filósofa Elisabeth Badinter propõe uma diferente interpretação

para o amplo uso das faixas de contenção⁶ e pela contratação de amas-de-leite, apesar da alta taxa de mortalidade das crianças que ficavam a seus cuidados. Badinter sugere que a permanência dessas práticas até cem anos após a criação do mito da maternidade significaria uma relutância das mulheres em aceitarem essas novas condições de maternidade.

No Brasil, como coloca Renato Pinto Venâncio⁷, as mesmas práticas apontadas por Badinter como um indício da falsidade do mito também eram adotadas por aqui. A faixa de contenção foi usada em terras brasileiras até o século XIX. Tínhamos ainda uma larga prática de abandono de bebês de todas as classes. As rodas de expostos figuravam em cinco capitais brasileiras onde a maneira de se abandonar os bebês era anônima e não gerava represálias. Além disso, o abandono não era considerado crime e as mães que abandonavam os seus filhos poderiam ter seu filho de volta se assim o desejassem (embora isso raramente acontecesse).

Freud levou o debate para o nível do desenvolvimento mental ao expor o conceito do complexo de Édipo, no qual a completude da personalidade feminina se dá quando esta substitui a vontade de ter um falo por um filho. A psicanálise inaugura outra ordem de preocupações, tornando as obrigações e responsabilidades das mães ainda maiores. As mães eram responsáveis agora pelo desenvolvimento de uma personalidade saudável em seus filhos. Muitas vezes as exigências requeriam que seu próprio desenvolvimento fosse o considerado “normal”. A psicanálise pode não ter afirmado que a mãe era a única responsável pelo desenvolvimento psicológico da criança, mas era a maior. E aquilo que parece evidente, o fato de Freud ter descrito o mecanismo de desenvolvimento psicológico da sociedade em que estava inserido, uma sociedade patriarcal, foi tido como verdade incontestável:

Mais uma vez, o adquirido era declarado inato, e Freud repetia o erro metodológico cometido por Rousseau no *Émile*. Ambos pensavam descrever a natureza feminina e, na realidade, não faziam mais do que reproduzir a mulher que tinham diante dos olhos. A sentimental do século XVIII ou a castrada do século XIX passavam por imagens do eterno feminino. (BADINTER, 1980, p. 334)

Esse discurso que aliava a mulher à um ser natural reforçava a obrigação da maternidade, colocando-a no âmbito do discurso médico, mas especificamente, do psiquiátrico. Isso porque a mulher que não fosse mãe e uma esposa amável seria então o oposto, ou seja, anormal. Ainda subsiste esse pensamento em psicólogos desenvolvimentistas seguidores de Winnicott, que como ressalta Andrea Nye, colocam que “os problemas do desenvolvimento [da criança] podem ser detectados nas deficiências da mãe, que é aquela pessoa que deve ser analisada e questionada”

6 As faixas de contenção era uma forma de amarrar os bebês de modo que eles não conseguissem mexer braços e pernas, podendo ainda ser pendurados. Essa vestimenta permitia que as amas, em sua maioria camponesas, cuidassem da lavoura e dos afazeres domésticos sem se preocuparem com quedas ou ataques de animais domésticos. A faixa muitas vezes deformava os membros da criança e causava doenças de pele, pois os bebês ficavam em contato constante com seus excrementos.

7 (in DEL PRIORE, 2009, p.189)

(NYE, 1995, p. 159).

Em 1940 as feministas, com Simone de Beauvoir⁸, começaram a reagir contra a situação inferior da mulher na sociedade, aportando a maternidade como um mecanismo de controle e manutenção da posição da mulher na sociedade:

Um dos problemas essenciais que se colocam a respeito da mulher, é, como já vimos, a conciliação de seu papel de reprodutora com seu trabalho produtor. A razão profunda que, na origem da história, vota a mulher ao trabalho doméstico e a impede de participar da construção do mundo e sua escravização à função geradora. As fêmeas dos animais tem um ritmo de cio e das estações que assegura a economia de suas forças; ao contrário, entre a puberdade e a menopausa, a Natureza não limita a capacidade de gestação da mulher (BEAUVOIR, 1970, p. 152)⁹

A intenção era provar que uma mulher não era definida pela maternidade, sendo possível negar essa condição, mostrando que, para a sociedade industrial, ela possuía as mesmas capacidades para o trabalho e a política que o homem. Entretanto, mesmo com todo entendimento a respeito da contribuição da maternidade para a condição feminina na sociedade, as feministas se concentraram em reivindicar o acesso ao trabalho, ao voto e à participação política, mas a reivindicação de uma maternidade digna e compartilhada ficou em segundo plano. A mulher passou a ocupar espaço no mercado de trabalho, mas continuou como mãe e dona-de-casa. Como comenta Aminatta Forna (1999) a esse respeito:

A instituição datada, estreita e inalterada da maternidade, que obriga a mulher a ser mãe, é de certa forma o calcanhar de Aquiles do feminismo moderno. [...] nenhuma mulher em cargo de gerência pode competir com seus colegas homens em termos de igualdade, se ela for mãe. (FORNA, 1999, p. 20)

A autora ainda complementa dizendo que atualmente, mesmo com a queda do mito da esposa perfeita, da noiva perfeita, e com marido dispensável, a mãe perfeita prevalece. É interessante observar que os quase sessenta anos que separam Simone de Beauvoir e Aminatta Forna não foram suficientes para resolver os maiores problemas da vida da mulher em sociedade: a exclusividade da maternidade e iguais condições de acesso ao trabalho e remuneração. Na opinião de Forna (1999), a constante atualização do modelo da boa mãe é uma tentativa de buscar conforto nos papéis de gênero tradicionais e responsabilizar as mães pelos erros e problemas sociais. Ainda hoje a maternidade é um discurso que serve como uma forma de controle da mulher:

A imagem de mãe é criada pela cultura popular para refletir e às vezes manipular um conjunto de valores relativos ao que constitui a maternidade exemplar. Por trás de cada representação, boa ou má, está presente o modelo da mãe perfeita. Decisões pessoais sobre trabalho, relacionamentos, fertilidade e comportamento se tornam propriedade pública porque a mulher é mãe. As mães que aparecem na imprensa são julgadas por esse critério, assim como as mulheres na população em geral que não correspondem, ou não podem

8 *O Segundo Sexo*, vol. 1 p. 74

9 O livro foi escrito por Simone de Beauvoir em 1949.

corresponder, às exigências do que deve ser uma mãe. Estas são sempre culpadas. (FORNA, 1999, p. 143)

A mulher não pode ser uma mãe mediana, nem egoísta. Deve se sacrificar pelo filho. As piores mães eram as descuidadas, negligentes e egoístas. As mulheres são até hoje constantemente criticadas por trabalharem e deixarem seus filhos em creches ou com babás. Sentem medo de se encaixarem nesse perfil de mãe má. As mães não deveriam trabalhar, pois devem ficar em casa para cuidarem dos filhos e se forem casadas não tem essa necessidade. É muito mais importante que fiquem em casa pois o destino da criança e a felicidade da família dependem delas. A modernidade não eliminou esse modelo. Basta assistirmos a qualquer filme infantil para se notar que a mãe (sempre boa e paciente) ali colocada é a dona de casa que não trabalha. É uma conduta moral que acaba lançando o medo e a culpa nas mulheres de todas as classes.

No Brasil (MURARO, 1995) antes da industrialização, mesmo após a proclamação da república, as elites conservavam a mentalidade colonial escravista. As mulheres deveriam se casar jovens e ter muitos filhos, muitos herdeiros. Como consequência, muitas morriam cedo, além de serem obrigadas a aceitarem o comportamento infiel dos maridos. As mulheres eram fortemente controladas, qualquer desconfiança em relação à pureza da filha ou esposa autorizava o pai ou marido que a matasse “em defesa da honra”.

O feminismo começou por aqui com Nísia Floresta em 1830 e sua reivindicação à educação, sendo de maior destaque seu texto chamado *Diretos das mulheres e injustiça dos homens*¹⁰, de 1832. Até 1920 a manifestação feminista girou em torno da educação, do voto e do acesso ao trabalho. O voto feminino no Brasil só foi conseguido em 1932. Em 1970 tivemos o que Constância Lima Duarte considera a *onda mais exuberante do feminismo brasileiro*, quando se debateu o direito ao prazer feminino, sua sexualidade, o aborto e o uso de anticoncepcionais. A maternidade entrava em cena apenas no âmbito do planejamento familiar e das políticas públicas. Deu-se início a muitas reivindicações, muitas das quais não foram alcançadas até os dias de hoje.

Nas classes médias modernas, as mulheres já ocupam mais da metade das vagas nas universidades e são 49,7%¹¹ da população economicamente ativa (embora esse número não represente a realidade entre a proporção de mulheres em idade de trabalho). Entretanto, as mulheres continuam ganhando menos, tendo dupla ou até tripla jornada de trabalho. As mulheres negras são, em sua maioria, chefes de família, tendo que arcar praticamente sozinhas com os cuidados dos filhos e da casa, mas conservam uma estrutura patriarcal, apesar de serem matrilocais e matrifocais.

10 Uma tradução livre do texto de Mary Wollstonecraft, de 1762, *Vindications for the rights of woman*.

11 Fonte: IPEA 30/09/2009.

2.2 A maternação exclusivamente feminina reproduzindo mães

A exclusividade feminina no cuidado com os filhos permanece até hoje intocada. Esse é um fator apontado por várias teóricas como responsável pelo baixo desempenho feminino no mercado de trabalho, pela manutenção das desigualdades entre os sexos e pela pouca participação masculina nas tarefas domésticas e no cuidado parental. A mulher brasileira prefere contratar uma empregada e/ou uma babá do que se indispor com o marido na tentativa de fazê-lo participar das tarefas domésticas. Com isso, as empregadas, que ganham mal e na sua maioria não tem carteira assinada, acabam sem tempo para cuidar dos próprios filhos, para estudar e assim conseguir um emprego melhor. Desse modo, a independência da mulher da classe média custa a dependência da mulher da classe baixa. Fora esse problema social, a maternação exclusiva feminina é responsável por outro problema de ordem psicológica. Como apenas as mulheres são vistas como mães e donas-de-casa (ou domésticas) as filhas mulheres acabam por consequência sendo educadas para serem mães. Existe uma escassez de modelos disponíveis. O trabalho é uma realidade na vida de muitas mulheres, mas sua identidade aparece sempre como mãe.

A psicanálise mostra também que a divisão sexual do trabalho na família estabelece uma significação histórica e social ao próprio gênero. Esse aporte revela como os homens se desenvolvem em direção à esfera pública e as mulheres, na esfera privada, para possuírem capacidades relacionais generalizadas e também como os homens desenvolvem um relacionamento com as mulheres para que elas permaneçam na esfera privada. As capacidades femininas de maternação estão de tal forma internalizadas que se acham na estrutura psíquica feminina. A elucidação da estrutura de socialização e reprodução social proporcionada pela psicanálise revela que a organização social do gênero é transmitida pela família onde os filhos já se tornam membros gendrados da sociedade.

A estrutura social e os aspectos familiares são transmitidos pela organização do cuidado infantil. Eles são adquiridos e transformados pela criança por processos inconscientes e passam a influir na estrutura psíquica e na vida afetiva desta. A criança internaliza os relacionamentos que vivencia tornando-os inconscientes, e eles podem persistir independente dos relacionamentos originais, se instalando como aspectos da sua estrutura psíquica e experiência do eu. Isso não significa que a criança absorva diretamente o mundo social. Essas experiências adquirem significados diversos dependendo da qualidade do afeto que receba. As primeiras internalizações são pré-verbais e acabam sendo vivenciadas somaticamente. Isso faz com que sejam recordadas no mesmo nível pré-verbal e psicossomaticamente. Como o cuidado nessa fase é quase que

exclusivamente feminino (e normalmente materno) a mulher/mãe é o principal objeto de desejo da criança, conseqüentemente de seu amor e ódio:

O modo de ver psicanalítico de como a estrutura intrapsíquica, o conflito, e senso do eu afeta a interação social, prevalece também no nível social. A teoria da cultura e da personalidade mostrou que experiências anteriores comuns a membros de certa sociedade contribuem para a formação de personalidades típicas, organizadas em torno de determinados problemas relacionais e preocupados com eles. (CHODOROW, 1978, p. 75)

Os psicanalistas concordam que o amor libidinal pela mãe é importante por si mesmo. Ele forma a base da experiência do eu da criança quando esta se percebe um ser separado da mãe. Para que ocorra a diferenciação do eu a criança deve ter seu amor primário frustrado. A ansiedade estimula essas capacidades do ego. Além disso, as defesas (como internalização, a repressão e a frustração) do ego são importantes para demarcar aquilo que será vivenciado como externo ou interno.

No início, a criança não vê a mãe como um ser separado, por isso a dificuldade de compreender que a mãe tem sim interesses distintos. Já o pai é visto desde do início como um ser separado, a menos que ele participe do relacionamento primário. Sendo assim, quando o pai expressa seus próprios interesses, parece natural. O amor pelo pai é entendido pela criança através do prisma da realidade:

Durante a maior parte do período inicial, o gênero não é marcante para a criança (nem ela conhece categorias de gênero). Contudo, o fato de que o primeiríssimo relacionamento da criança seja com uma mulher torna-o sobremodo importante para as relações objetais¹² dos períodos desenvolvimentais subsequentes; que as mulheres maternem e os homens não, vem a ser entendido pela criança depois que o gênero vier a ter importância. A maternação precoce das mulheres cria, pois, atitudes ou expectativas, conscientes e inconscientes, nas crianças. Meninas e meninos esperam e presumem capacidades peculiares das mulheres para o sacrifício, o cuidado e maternação, e associam as mulheres com seus próprios receios de regressão e inabilidade. Fantasiam mais sobre homens e os associam com virtudes e crescimento idealizados. (CHODOROW, 1978, p. 112)

Logo, as próprias mulheres aprendem a valorizar socialmente os homens e desprezar ou menosprezar as mulheres. Embora a psicanálise não se detenha em mostrar como e porque ocorre identificação das crianças com determinado sexo, sabe-se que elas se identificam porque já aprenderam que a mãe é feminina e o pai é masculino e que isso é apropriado de cada sexo. Essa identificação é portanto o produto de um ensino precoce das diferenças de gênero.

12 Relações objetais são aquelas que se baseiam nas relações que se estabelecem entre o indivíduo em formação e o objeto (ou objetos) de seu desejo primário.

2.3 Tal mãe, tal filha

O complexo de Édipo feminino não é apenas uma transferência da afeição da mãe para o pai. A importância da relação interna e externa com a mãe persiste e provoca uma complexidade relacional na menina que é ausente no menino. Ela tem capacidades relacionais mais desenvolvidas:

Por serem maternadas por mulheres, as meninas vêm a perceber-se como menos separadas que os meninos, como tendo fronteiras do ego mais flexíveis. As meninas vêm a definir-se mais em relação a outros. Sua estrutura relacional-objetal internalizada torna-se mais complexa, com mais questões pendentes. Esses aspectos da personalidade refletem-se no desenvolvimento do superego. (CHODOROW, 1978, p. 123)

Freud acreditava, a princípio, que a mãe no período pré-edípico era vista apenas como alguém que privava a menina de leite, criando rivalidades. Mas Lamp de Groot descobre dois casos onde as meninas viam seus pais como rivais. Depois de re-examinar sua teoria ele descobre três aspectos importantes da fase pré-edípica feminina. O apego da menina pela mãe é mais longo e intenso, durando por todo período da sexualidade infantil, e podendo ir até o quinto ano de vida. É um apego intenso e ambivalente. Mesmo nos casos onde há um apego pelo pai este é precedido de um forte apego pela mãe. Para ele, então, o apego da mulher pela mãe determinará o apego posterior pelo pai e seu relacionamento posterior com os homens:

As diferentes extensão e qualidade do período pré-edípico em meninos e meninas tem como origem a maternação das mulheres, especificamente no fato de que uma mãe é do mesmo gênero que sua filha e de diferente gênero que seu filho. Isso leva a que ela os sinta e trate diferentemente. Não quero dizer que isso é um argumento biológico. Emprego *gênero* aqui para designar a estrutura psíquica e o senso relacional consciente ou inconsciente da ideologia, significados e expectativas que vão constituir um membro de gênero de nossa sociedade e compreender o que o gênero significa. Ser uma mulher e mãe madura também significa ter sido filha de uma mãe, o que afeta a natureza de sua maternidade e a qualidade de sua maternação. (CHODOROW, 1978, p. 129, itálico da autora)

As mães também tem dificuldades para perceber as filhas como seres separados de si. O senso de unicidade da mãe com a filha é muito maior do que com o filho e dura mais tempo. A identificação primária com as filhas tende a ser simbiótica e narcisista. As mães enxergam as filhas como uma extensão de si mesmas ou uma sócia delas, prejudicando ou tornando mais fraco o entendimento da filha como um outro sexual.

Na realidade, a menina tem poucos motivos para se apegar ao pai, pois este não fornece qualidade nem quantidade de afeto suficiente para desviar as atenções da menina da mãe. Ela pode se apegar a ele numa tentativa de se separar da mãe ou para se vingar dela. A falta de algo para se opor à onipotência da mãe é o principal motivo para a chamada inveja do pênis, que torna o pênis e a masculinidade importantes para a menina, e a consequente desvalorização inconsciente do

feminino e de suas funções:

Os psicanalistas presumem que essa desigualdade em meninos e meninas é inevitável, porque presumem heterossexualmente. Rubin nos lembra que a heterossexualidade de uma mãe não é um dado inevitável, mas que foi construída também em seu próprio desenvolvimento uma geração antes. Não é simplesmente “a pessoa da própria mãe”, mas a pessoa heterossexual da mãe, que leva a menina a depreciar seus órgãos genitais. Se a lésbica pré-edípica não fosse comparada com a heterossexualidade da mãe, ela poderia tirar diferentes conclusões sobre o estado relativo dos seus órgãos genitais. (CHODOROW, 1978, p. 160)

Ela pode também, como outros psicanalistas pregam, querer um pênis para ser mais amada por sua mãe. A menina tenta despertar o ciúme de sua mãe voltando-se para o pai ao mesmo tempo em que tenta se mostrar independente dela nesse novo relacionamento. Como socialmente o pai está mais ausente da família e da casa, a qualidade de seu relacionamento com a filha não é a mesma e não tem o mesmo impacto do que a que ela tem com a mãe. Ou seja, para a menina não há uma solução rápida e única do complexo de Édipo, tão pouco uma troca definitiva de objeto. O apego da menina pelo pai não substitui seu apego pela mãe. Ela desenvolve importante apego aos dois, mas jamais abandona o apego à mãe, mesmo que se torne heterossexual.

O amor do menino pela mãe é mais ameaçador para seu ego e o senso de independência por ser uma extensão da intensa unidade mãe-bebê. A intensidade desse amor ameaça o marido, que acaba muitas vezes por desgostar do menino causando uma rivalidade entre eles e reprimindo o filho que teme ser castrado pelo pai. Por sua vez, a intensidade do amor da menina pelo pai é menor e quase sempre não retribuída. Esse relacionamento é uma consequência da reação à onipotência da mãe e portanto menos ambivalente ou negativo. A menina tem menos razões para temer o pai, ele não pode castrá-la pois ela já o é, e por isso não tem tanta necessidade de reprimir seu amor edípico. Já o menino precisa afirmar sua masculinidade e com a ausência do pai, a única forma que encontra de fazer isso é negando a mãe e tudo o que for feminino. Esse vazio na masculinidade alimenta o desprezo às mulheres.

Na adolescência, vista para muitos como um período de latência, a principal questão a ser resolvida é a mudança de objeto e a entrada num mundo relacional não familiar. É portanto a fase mais difícil para a menina, pois ela deve romper a ligação com a mãe, que ainda é muito forte:

[...] a transição do complexo edípico da menina não foi tão precipitada. Isso a capacitou (ou exigiu dela) a manter conexões afetivas com seus objetos familiares, assim como um mundo objetual íntimo conflitual e menos solucionado. Portanto, antes que ela possa desenvolver plenamente compromissos extra-familiares, tem que enfrentar embaraços nas próprias relações familiares. (CHODOROW, 1978, p. 172)

É interessante ressaltar que a importância da figura paterna nesse modelo nuclear-feudiano de família parece ser somente a separação ou a mudança de objeto dos filhos. A literatura psicanalítica relata casos onde um pai ausente (morto ou distante) não prejudica a conduta de

gênero, causando apenas uma insegurança das meninas em se relacionar com homens e uma dependência das mulheres mais velhas. Para Deutsch (apud CHODOROW, 1978) existe uma espécie de meio (social e psicológico) que socializa as meninas inibindo sua atividade (ou agressividade) e oferecendo ao seu ego um “prêmio” por renunciar a elas (que seria oferecido pelo pai na forma de amor e ternura).

Por fim, as meninas acabam tomando uma resolução pelos homens como objeto, mas continuam carregando o triângulo emocional interno. A heterossexualidade feminina resulta dos estímulos paternos, mas também, mesmo sem figuras masculinas, as mulheres tendem a continuar heterossexuais devido ao autoconvencimento ou o aprendizado apropriado da função.

A maternação exclusiva das mulheres reproduz uma ideologia responsável pela desvalorização ou pouca valorização feminina e a desigualdade sexual-social. A distância do pai colabora para a dificuldade da identificação com a masculinidade (ou os papéis públicos). Os meninos idealizam esse papel e a sociedade o reforça tratando-o como desejável e ideal. Mesmo hoje em dia, onde as mulheres passam a maior parte de sua vida no mercado de trabalho, a organização da família e a ideologia vigente continuam reproduzindo as diferenças de gênero, gerando expectativas de que sobretudo as mulheres encontrarão identidade primária na família.

3 DE ONDE VÊM AS FILHAS? OU MÃES QUE GERAM MÃES

3.1 Ainda somos as mesmas e vivemos como nossas mães (?)

A maior parte dos teóricos sociais desprezou a esfera familiar nos seus estudos, tão pouco levaram em consideração a reprodução social nela porque outras passaram a organizar o vínculo entre os homens. Mas o parentesco e os vínculos familiares continuam sendo decisivos para as mulheres. A família é reconhecida por muitos teóricos que a estudam como um agente central da opressão da mulher e também como a principal instituição em suas vidas:

Esquecer a família é, como o diz Mitchell, esquecer “o lugar no qual a psicologia inferiorizada da feminilidade é produzida e a exploração social e econômica das mulheres é... legitimada. (MITCHELL apud NYE, 1995, p. 143)

A maioria das explicações sobre a reprodução social concorda que mulheres como esposas e mães reproduzem pessoas através do cuidado físico e psicológico de filhos e maridos, mas esquecem de dizer que as mulheres reproduzem-se a si mesmas através das tarefas domésticas diárias: “[...] a família faz com que as pessoas desenvolvam personalidades que tendem a garantir que elas terão prazer ou satisfação naquelas atividades que são realmente necessárias para a reprodução da estrutura social maior.” (CHODOROW, 1978, p. 58).

A enorme importância da figura materna fica evidente depois de compreendermos como se dá o desenvolvimento psicológico da mulher. Não é a toa que boa parte da literatura feminina coloque o universo familiar como um de seus temas principais. Por mais que se tenha consciência do problema que representa a maternidade para a identidade feminina, seu caráter inconsciente de reprodução a torna um fardo passado de mãe para filha. Muitas vezes a mulher se vê sem saída, pois fugir da maternidade é ser um pária social.

Ao terem uma filha as mulheres revivem o vínculo com a mãe. Elas veem em si suas próprias mães e se questionam sobre o modo como foram filhas, as ameaças maternas e os elogios dúbios. Seria uma possibilidade de afastar a solidão, pois uma mulher se identificaria com a outra, sobretudo quando vindas da mesma família, compartilhando segredos e angústias, mas também uma tentativa de se distanciar dos problemas que teve com a mãe, ser diferente. Há uma confusão, afinal agora se está no outro papel, antes era filha, agora é mãe. Como explicita a citação abaixo:

E assim somos três. Minha mãe, minha filha e eu. Ou melhor, minha mãe, minha avó e eu. Produto dessa triangulação. [...] Impelida pelo desejo de minha mãe de fazer-me esquecer o quê ela não pôde para oferecer a sua própria mãe. Exigida a não parecer com minha avó nas coisas pelas quais minha mãe a odiou. Estimulada a ser mais e melhor que minha avó

para competir-compartir o amor que minha mãe teve por ela. (PRAVAZ, 1981, p. 64).

A mulher, quando mãe, se vê numa situação onde é comparada com a mãe e com a avó pela própria mãe. Torna-se mais difícil a busca da identidade. Ao preferir a avó carinhosa renega-se a identificação com a mãe, magoando-a. Quando as avós são ausentes também se corre o risco de perder a própria história, pois não existe alegria ou conforto no passado. A mulher pode ser incumbida de ocupar esse espaço, ser mãe de sua mãe. Fazer com que ela sinta o calor dessa nostalgia que é irrecuperável.

3.2 Tipos de mãe = tipos de filha

Para entender melhor a dinâmica entre mulheres no ambiente familiar. Tomaremos como base os conceitos desenvolvidos por Susana Pravaz. A psicóloga propõe a divisão entre três categorias, mãe-mulher-guerreira, sendo cada uma delas inspirada nas figuras mitológicas de Hera, Afrodite e Atena respectivamente. Ainda segundo a autora, a mãe seria a legendária figura que cuida do lar, a mulher é a representante da sedução/erotismo e a guerreira seria ligada à autonomia e independência. Essa trilogia se relaciona com precisão às três áreas de atividade (ou espaços vitais) da atual vida da mulher na sociedade industrial. Esses espaços seriam o lar (emblema filhos), o homem (emblema sexo) e trabalho (luta pela vida).

Apesar das mulheres exercerem diferentes atividades em cada um desses espaços, Pravaz observou que “cada uma dessas categorias reclama em sua definição características específicas e discriminadas, na maior parte das vezes necessárias e suficientes para marcar a exclusão das outras”. (PRAVAZ, 1981, p. 18) Dentro dessas categorias existe um sistema de direitos e deveres rígido que condiciona a conduta das categorizadas, trazendo vantagens e desvantagens específicas para cada uma delas. Cada estilo de mulher se destina a uma tarefa e deve se levar em conta a ideia que se tem a respeito de cada estilo de mulher. Além disso a mulher terá um estilo de acordo com sua família e segundo esse estilo obedecerá e criará um mandato:

Os estilos de mulher se configuram no interjogo entre as características que esta adquire como resposta às Tarefas¹³ que realiza ou para as quais está sendo educada (habilidades e qualidades requeridas pelas funções a desempenhar), e as características “do feminino” transmitidas pelos valores da ideologia dominante em cada circunstância histórica-econômica-social, isto é, os diferentes modelos de mulher. (PRAVAZ, 1981, p. 21)

Isso quer dizer que mães e filhas de uma mesma família terão a mesma ideia de feminilidade

13 A tarefa se relaciona com o desempenho, e conduta e qualidades exigidos para que ela se realize, que acabam por determinar uma maneira de ser mulher.

e sofrerão as mesmas exigências e terão as mesmas qualidades, diferenciando-as das mulheres de outras famílias, além de se diferenciarem entre si por suas qualidades próprias em resposta ao papel ou tarefa a qual foram destinadas, a partir de seu lugar na família. O que interessa aqui é entender como o tipo de mãe, centrada em uma área de atuação da vida (maternidade, sexo ou trabalho) produz um tipo de filha, ou uma resposta. As enormes pressões sofridas pela mulher tanto por parte da família como da sociedade para que seja uma boa mãe (e muitas vezes uma boa profissional) não passam em branco. Elas geram nessa mulher uma necessidade de resposta, um ressentimento, que podemos entender como *mandato*.

Os papéis variam de acordo com as exigências econômico-sociais de cada época. Numa época de guerra necessita-se de mulheres combativas. Quando há um desemprego e um princípio de desvalorização do trabalho masculino deve-se colocar as mulheres de volta ao lar – produzem-se então mulheres domésticas/sensuais. A autora deixa claro ainda que as mulheres proletárias sempre trabalharam, mas fica difícil perceber como operam esses estilos de mulheres na classe proletária. Contudo, podemos inferir que também existam famílias que preparam suas filhas para assumirem as mesmas caracterizações.

Como as caracterizações das mulheres são baseadas naquelas de suas próprias mães, podemos entender que os estilos das primeiras tem determinante papel no estilo das últimas. Tudo depende de seu relacionamento com a mãe. Se a filha se ressentir da ausência da mãe, vai tentar ser uma mãe mais presente, podendo se tornar uma mulher doméstica (mesmo que trabalhe), pois sua vida girará em torno dos filhos e do lar. Se a filha se ressentir da falta de poder da mãe pode se tornar uma mulher combativa ou sensual, visto que essa última controla o marido através de sua sensualidade. A filha também pode repetir o modelo da mãe tentando melhorá-lo – pode querer ser uma melhor mulher doméstica, sensual ou combativa que a mãe. No entanto, nenhuma das duas escapa desse reduzido elenco de possibilidades.

3.3 Trabalho, marido ou filhos?

Na realidade, a mulher não tem escolha. Deve colocar os filhos em primeiro lugar. O resto deve ficar em segundo plano. Mesmo hoje em dia, com uma grande participação das mulheres no mercado de trabalho, elas devem se ressentir de não ficar tempo o suficiente com seus filhos. De todo modo a mulher tem desejos internos que vão contra as imposições sociais. Isso vai definir como sua visão de mundo será passada para sua filha.

A mulher combativa é aquela que deseja vingar a humilhação sofrida pela mãe, que não teve

acesso ao estudo e/ou ao mercado de trabalho. Que não tinha poder dentro da família e dependia do marido. Ela pode ser filha de outra mulher combativa. A mulher sensual foi criada para conquistar. Ela valoriza os atributos femininos sendo simpática e encantadora, usa seu charme para conseguir favores, mas sofre para não cair na vulgaridade e não parecer uma mulher séria. A mulher doméstica vem de uma longa linhagem de mulheres domésticas e quer ser sempre uma boa mãe tal como a sua foi. Pode também ser filha de uma das outras mulheres, bastando para adquirir esse formato que considere que sua mãe não foi boa o suficiente, foi descuidada ou egoísta. Ela exerce a maternidade como resposta.

Ter um filho é uma redenção para todos os tipos de mulher, um filho saudável e bem cuidado é algo que diz à mulher que ela é digna de estar viva. Cumpriu o seu papel com a sociedade e com o mundo, além de mostrar que não tem um oco no lugar do útero (não é seca). Não ser mãe coloca a mulher numa situação marginal, um pária, diferente e perigosa. Seu interior é desconhecido, ela não é confiável. Não ter um filho afeta por completo a vida dos três estilos de mulher, sua relação com o marido, a família, no trabalho e na sociedade. A mulher sensual tem sérios conflitos com a maternidade, que estraga o seu corpo. Apesar da maternidade garantir a sua “decência” ela afasta o homem. Mas a maternidade a aproxima das outras mulheres, há uma cumplicidade pois ela não é mais tão perigosa. A mulher combativa tem certeza de que não é um homem quando tem um filho. A sua luta perde um pouco da dureza. Ela aproveita a gravidez para ter um descanso:

Por outro lado, esta mulher exige tratamento igual no trabalho, assim como oferece tratamento de igualdade em relação aos filhos. Neste pacto perde o poder afetivo e abre uma frente a mais para as críticas masculinas: será questionada por outras mulheres já que não é mulher-mãe como se supõe que deveria ser [...] (PRAVAZ, 1981, p. 103)

A mulher doméstica é uma reprodutora e alimentadora. Ter filhos reafirma a sua identidade. Reivindica para si o privilégio de ser o princípio da vida. Seu corpo está totalmente identificado com essa ideia visto que não tem no sexo uma possibilidade de autonomia. A mulher doméstica, dentro dessa ótica, vem de uma tradição de mulheres do lar. Em outro caso seria aquela que tenta compensar a falta de uma mãe que tivesse cumprido satisfatoriamente o papel.

A mulher sensual sofre com um dilema, ela deve ser sensual até se casar, depois é hora de virar dona-de-casa e passar o legado às filhas. Tem a incumbência de exigir das filhas que sejam tão belas quanto ela foi na idade delas, mas isso acaba sendo sofrido, pois a lembra de que não é mais bela. Além disso, teme que as filhas deixem de ser “moças decentes”. A beleza é algo visto como perigoso.

A mulher combativa é normalmente sucessora de outra mulher combativa, ou de uma dona-de-casa ressentida. Seu mandato é “Deverás alcançar o que não nos foi possível conseguir pelas

circunstâncias históricas de dominação da mulher, deverás libertar-te e libertar-nos” (PRAVAZ, 1981, p. 70). Como se pode ver ela é muito exigida e se prepara para a luta. Deve ainda carregar consigo a culpa do sacrifício que sua mãe fizera para que ela tivesse a oportunidade que a outra não teve. Na nossa tradição aparecem duas figuras dissociadas: a *esposa* e a *filha* ou a *abandonada* e a *abandonadora*.

3.4 Porque as mulheres maternam?

Além da maternação exclusivamente feminina reproduzir os papéis de gênero e recriar as mulheres como mães, ainda existem outros discursos que se aliam à esse para manter as mulheres na posição inferior. É importante frisar que a maternidade sozinha não é responsável pela dominação masculina, mas ela é um dos principais argumentos utilizados pelos inúmeros discursos na manutenção do status inferior feminino. Destaco a importância de três discursos de ordem masculina: o religioso, o político (ou do estado), e o médico.

O discurso religioso, culpando todas as mulheres pela curiosidade sexual de Eva, que nos condenou no Gênesis a parir com dor, e posteriormente santificando a virgem Maria, pela sua castidade e maternidade, incutiu nas mulheres que a maternidade era uma punição divina e ao mesmo tempo a única forma de salvação da mulher.

O discurso político visava preservar a população de uma queda na natalidade e de início procurou aumentar a expectativa de vida das crianças. Nos períodos de guerra, as mulheres eram incentivadas a terem filhos para que as futuras perdas pudessem ser compensadas. Os neomalthusianos, porém, alertavam para a necessidade de se controlar o número populacional para que não faltassem alimentos. O governo passa a apoiar as ideias de planejamento familiar para que as pessoas tivessem menos filhos, mas que pudessem chegar à idade adulta.

O discurso médico¹⁴, impulsionado pelas teorias de contágio de Pasteur, tornou necessário uma preocupação com a higiene que logo adquiriu um caráter normativo. O cientificismo em voga no início da nossa república possibilitou aos médicos determinarem as condutas de homens e mulheres com relação à vida, seus corpos e seu prazer. Ele impôs uma responsabilidade a mais para a mãe, o cuidado com a higiene da família.

Para o sociólogo Pierre Bourdieu (1998) a ordem social funciona como uma máquina simbólica que ratifica a dominação masculina sobre a qual ela é fundada. Todo o imaginário gira em

14 (MATOS *in* MATOS; E; SOIHET, 2003, p. 107 - 127)

torno de categorias opostas, nas quais se destina a mulher para o lado negativo da comparação. Um fator que colabora e completa esse quadro é fazer com que essa escolha arbitrária pareça natural (orgânica), de modo que ao comparar o feminino ao lado negativo da natureza ou da cultura pode-se encontrar com facilidade uma correspondência entre a vagina como ausência e o masculino como positivo através da posição exterior do pênis. O imaginário entra nessa dinâmica e tudo passa a ser explicado e comparado a partir dessa lógica, raramente levando-se em consideração a arbitrariedade dela. Essa naturalização contribui ainda para que as mulheres sintam como se sua posição inferior fosse natural, biológica, e portanto, o normal e o certo:

Lorsque les dominés appliquent à ce qui les domine des schèmes qui sont le produit de la domination, ou, en d'autres termes, lorsque leurs pensées et leurs perceptions sont structurées conformément aux structures mêmes de la relation qui leur est imposée, leurs actes de *connaissance* sont inévitablement, des actes de *reconnaissance*, de soumission. (BOURDIEU, 1998, p. 27)¹⁵

Para Bourdieu, a mulher não agrega valor econômico e sim simbólico. Quanto mais casta e prendada é a mulher maior seu valor simbólico, ou melhor dizendo, mais valor simbólico ela leva ao seu marido. Atualmente esse valor gira em torno da classe social. A maneira como se veste e se porta uma mulher simboliza sua classe. Além disso, ela também é responsável por cuidar do valor simbólico dos demais membros da família, cuidando de sua aparência (roupas) e seus modos através da educação. Tais atividades são consideradas como simplórias, pouco desafiadoras e nas quais não é necessário muito intelecto, visto que exercidas por mulheres. Como consequência disso, a entrada da mulher no mercado de trabalho revelou que as profissões exercidas por elas são as menos valorizadas e remuneradas (quando exercem funções masculinas, ganham menos que seus colegas) e na maioria dos casos, uma extensão das atividades exercidas por ela dentro de casa.

Dentro desse panorama não é difícil imaginar que as mulheres relutem de alguma forma em assumir esse papel. A maneira mais comum é a necessidade de se tornar um ser diferente da mãe, tanto psicológica como socialmente. A contestação é porém muito maior do que somente a demarcação da personalidade individual. Ela contesta, muitas vezes sem saber, a ideologia dominante que para ela é representada pela mãe. Dentro da microfísica do poder (masculino) a mãe é o elemento mais próximo, que concentra as significações das restrições de gênero e representa todas as imposições sofridas pela filha, já que é responsável pelo valor simbólico desta. A forte ligação psicológica existente entre ambas também prejudica a eficácia da contestação da filha.

Essa briga é sem frutos, pois a mãe não tem poder de mudar o destino da filha. Muitas vezes a própria mãe não tem consciência dos fatores que a subjugam. Os discursos sociais não criticam a

15 Quando os dominados aplicam àqueles que os dominam os esquemas que são o produto da dominação, ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções são estruturadas confortavelmente às mesmas estruturas da relação que lhes é imposta, seus atos de *conhecimento* são inevitavelmente, atos de *reconhecimento*, de submissão. Tradução minha.

divisão sexual dos papéis e a domesticidade feminina, eles os impõem. Qualquer estilo de mulher sofre restrições e imposições e deve responder pelas escolhas diferentes que toma. Além disso, o caráter inconsciente e “natural” dessas imposições dificulta para a mulher não reproduzi-las.

4 TIRE A MÃO DAÍ, MENINA! CALANDO E CONTROLANDO A SEXUALIDADE DA MULHER

4.1 Por que falar de sexualidade?

A importância da sexualidade passa pela construção das identidades sociais. Os indivíduos são marcados pelo seu gênero e de acordo com ele lhes são reservados determinados papéis na sociedade – papéis de gênero. Práticas (inclusive sexuais) e posturas são determinadas, de acordo com seu gênero. A sociedade espera, por exemplo, que os indivíduos sejam heterossexuais. Como o gênero é uma marca visível no corpo (e a sexualidade é sobretudo exercida no corpo e sobre ele) esse corpo adquire um grande papel na definição das identidades sociais humanas. Para esclarecer o que entendemos como identidade vejamos a citação de Stuart Hall:

A identidade, na concepção sociológica – da identidade formada na “interação” entre o eu e a sociedade – preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” – entre o mundo pessoal e o mundo público de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade então costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis. (HALL, p.12)

A sexualidade humana é exercida não somente com o intuito da procriação, e diversos discursos se apoderam dela, e dos corpos que a exercem. As mulheres tem buscado, coletivamente, o prazer sexual e o tem entendido como um “componente básico de suas vidas e de seus relacionamentos” (GIDDENS, p. 79). Ao somatório desses discursos que tem por mote controlar a sexualidade podemos dar o nome de *repressão sexual*. Tal repressão está além da imposição de discursos externos sobre as práticas sexuais. Ela pode ser entendida do ponto de vista psicanalítico como uma tentativa de fazer desaparecer do consciente aquilo que lhe parece inoportuno, como desejos e impulsos libidinais, por exemplo. Entendida do ponto de vista social:

[...] a repressão não é apenas uma imposição exterior que despenca sobre nós, mas também um fenômeno sutil de interiorização das proibições e interdições externas (e, conseqüentemente, também das permissões) que se convertem em proibições e interdições (permissões) internas, vividas por nós sob a forma do desagrado, da inconveniência, da vergonha (pois reprimir, como vimos, também significa: vexar, envergonhar), do sofrimento e da dor (e dos sentimentos contrários a estes, no caso da obediência ao permitido). (CHAUÍ, 1984, p. 13)

Tendo em vista que a identidade social e individual dos seres humanos resulta dos conflitos

entre as pulsões sexuais e as coerções sociais, a repressão sexual sofrida pelos indivíduos é um importante traço da personalidade deles. Se levarmos em conta que o complexo de Édipo precisa ser resolvido para termos um desenvolvimento “normal” (em direção à heterossexualidade) da personalidade humana, podemos concluir que grande parte dos problemas psicológicos resultam de conflitos ocorridos na infância – um dos motivos pelos quais Freud dizia ser a neurose um infantilismo psíquico.

Ao mesmo tempo que é local das práticas sexuais o corpo ainda concentra outro importante papel no estabelecimento das identidades – o de concentrar os significados da existência numa era onde uma medicalização científica tomou o lugar da religião e das outras instituições seculares. O corpo, dentro dessa perspectiva, é a última instância fornecedora de significados e identidades.

4.2 O romance de formação para formação de identidades femininas

Dentro da literatura, existe um gênero literário específico que enfatiza o processo de formação do protagonista, o *Bildungsroman*¹⁶ (também conhecido como romance de formação). Esse gênero, que teve início com a ascensão da burguesia, visava retratar o aprendizado intelectual e de vida do jovem burguês numa tentativa de valorizar o conhecimento e o modo de vida da sua classe. Tal formação é caracterizada por um período de aprendizagem que inclui educação formal, informal, experiências amorosas (boas e ruins), em muitos casos, uma viagem sem a família além de uma série de outros elementos. Ao final do romance, o protagonista encerra o processo de formação através do apaziguamento ou acordo entre sua ética interna e as normas sociais vigentes.

Muitos teóricos são contrários à aplicação desse termo a narrativas protagonizadas por mulheres, visto que não há conciliação entre a ética interna feminina e as normas sociais. Entretanto, muitas das teóricas que admitem a existência de um *Bildungsroman* feminino o consideram como falhado ou de “deformação”. Isso se daria porque:

[...] o processo feminino de *Bildung* é diferente do masculino, porque *Bildung* implica em crescer e ocupar um lugar no seu grupo social, e as protagonistas de *Bildungsromane* femininos recebem “lições de submissão”; seu processo implica em “decrecer”, ao invés de crescer. (PRATT apud SCHWANTES, 1998 p. 157)

Todavia, o momento histórico que começa no pós II Guerra já admite narrativas de formação feminina, dado o acesso da mulher à educação formal e em muitos casos, aos postos de trabalho, como é o caso do *corpus* aqui analisado. Acenando para um futuro menos conflituoso e subjugado,

16 *Bildung* é uma palavra do alemão que significa formação.

passam então a existir *Bildungsromane* femininos menos falhados.

Mesmo com certa medida de igualdade de gêneros devido à entrada das mulheres no mercado de trabalho, a experiência feminina de formação continua diferenciada da masculina. Por isso, ao se apropriarem do gênero, as autoras mulheres precisavam subvertê-lo, para representar essa formação diferente. Assim, *Bildungsromane* femininos trarão elementos majoritariamente ausentes nos romances de formação com protagonistas masculinos. Podemos apontar a presença de elementos góticos e de epifanias. As epifanias são os momentos onde algo de que a personagem tinha conhecimento prévio, mas que estava adormecido, lhe é revelado. Algo que chega ao seu alcance de forma tão clara que não é mais possível negar sua existência. Em narrativas psicanalíticas não raro as epifanias são as responsáveis pela conciliação entre consciente e subconsciente.

Os elementos góticos tem grande presença nas narrativas escritas por mulheres por se tratar de um gênero criado por mulheres. A incorporação desses elementos pelas narrativas de formação femininas é uma forma de trazer para dentro do texto, no nível simbólico (psicanalítico), características femininas que fogem à linguagem e à lógica masculinas (SCHWANTES, 1998, p. 7). A análise dos elementos góticos é profícua porque eles nos dão a chave para a compreensão do subtexto presente nas narrativas de formação feminina.

4.3 E a mulher com isso?

O aprendizado feminino pode ser interpretado como “lições de submissão” que lhes são dadas pelos discursos que controlam a sexualidade, que são aqueles considerados legítimos – são os discursos das instituições sociais. Nenhum deles é um discurso feminino. As mulheres que ousam entrar nessas instituições não tem voz e para falar lá dentro devem tomar “emprestada” uma outra voz¹⁷. Isso faz com que nem sua sexualidade nem seu corpo sejam definidos por si mesma. Eles são explicados e significados por estruturas, paradigmas e parâmetros masculinos. Até mesmo a maneira de compreender o desenvolvimento da personalidade feminina é um discurso masculino.

A torrente de informações e definições impostas que cooptam a sexualidade feminina fazem com que a mulher sinta sua sexualidade e seu corpo presos no apertado espartilho das normas sociais. O controle é exercido sobre ela através do seu próprio silenciamento e a expressão sexual

17 Dentro da literatura o conceito de voz pode ser entendido como aquele que fala no romance, o narrador, que é sempre um indivíduo pertencente à uma sociedade, época, classe, gênero bem determinados, tendo ele opiniões próprias, conceitos e preconceitos que podem ficar mais ou menos claros dentro da narrativa.

legítima de seu corpo acaba se realizando através das neuroses (o retorno inconsciente do reprimido).

A força dos discursos que regulam a sexualidade feminina e impõem um padrão de heterossexualidade nos papéis de gênero é tão forte que não há espaço para contestação. A passividade atribuída à sexualidade feminina colocou-se no imaginário desde Aristóteles (que atribuía à mulher a função de ser o receptáculo da vida que emanava do homem) até Freud, que enxergava nas diferenças anatômicas entre pênis e vagina uma prova de que o homem era ativo (ereto) e a mulher passiva (interior). Esses paradigmas fazem com que a homossexualidade feminina não seja levada em consideração, pois o sexo pressupõe uma diferença de posição, superior com inferior, além, é claro, da penetração por parte daquele que está em posição superior.

Dentro desse panorama, a mulher enquanto filha se sente impotente por não poder tocar em assuntos tão importantes para sua identidade. O silêncio envolve a vida íntima do seu corpo. Sua disciplina está na vestimenta e nos modos. O silêncio em relação à sexualidade faz com que a primeira menstruação seja uma surpresa quase sempre vivida com medo e vergonha. A vida sexual feminina permanece oculta fora da maternidade. O prazer é visto como algo condenável, coisa de prostituta, tornando-o mais silencioso ainda. Para complementar, o direito privado, fortalecido pela rígida separação entre as esferas pública e privada, silencia as violências sofridas pela mulher. Além da dificuldade legal em provar um estupro há outra, a de se apresentar queixa, pois isso pressupõe “revelar o que há de mais secreto nas mulheres, sua intimidade sexual”. (PERROT, p. 19)

4.4 Fazendo falar o silêncio

Não há fórmula de escape para a repressão sexual – o principal vetor de opressão da mulher. Muitas teóricas feministas, principalmente as seguidoras da vertente francesa, acreditam que é impossível fugir de uma dominação que fundou a linguagem como masculina. Em todo caso, por mais que lhe seja vetada uma resposta, o corpo da mulher reage à repressão imposta. Devemos fazer uma leitura dos silêncios:

Não se deve fazer uma divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apóiam e atravessam os discursos. (FOUCAULT, 1999, p. 30)

Para Foucault (1999) a repressão sexual não é exercida através do silenciamento do sexo e

sim daquilo que ele denomina *scientia sexualis*¹⁸, que seria um excesso de discursos sobre o tema onde somente determinadas pessoas e maneiras de se falar são autorizadas, resultando num esvaziamento e uma limitação dos significados do sexo. Contudo, o autor não se atém ao fato de que as mulheres não possuem espaço para falar dentro desses discursos. Logo, podemos afirmar que a repressão sexual feminina é exercida pelo silenciamento de um discurso legítimo, ou seja, a sexualidade da mulher é preenchida de significados por outrem.

De acordo com a psicanálise freudiana, a mente é composta pelo id, ego e superego. O id seria o repositório da energia dos indivíduos, constituído dos impulsos instintivos inatos que motivam as relações dos indivíduos com o mundo, o reservatório das pulsões. O Ego é o filtro da realidade, que se relaciona com o Id e o Superego possibilitando as conciliações das vontades do primeiro com as condenações do segundo. O Superego é responsável pela estruturação interna dos valores morais da sociedade. Ele compreende tanto as características que são valorizadas pela sociedade, quanto as que são condenadas. Ele tende a impulsionar o indivíduo em direção às primeiras e condená-lo ou puni-lo quando foge à moral. Para que o superego condene o indivíduo não é necessário que ele transgrida à norma, basta que ele sinta desejos que são considerados por ele errados ou proibidos. Como ressalta Wagner da Rocha Fiori:

Nesse aspecto, nossa cultura (ocidental) tem sido particularmente cínica, ou seja, mães e pais pregam aos filhos condutas que em geral não tiveram. Nesta situação, particularmente o adolescente, será levado a considerar imorais desejos legítimos. (FIORI *in* RAPPAPORT, 1981, p. 29)

Muitas vezes as vontades do id e do superego são contraditórias ou conflitantes. O ego tem então a missão de conciliá-las. Existe, entretanto, casos onde essa conciliação não é possível, ou porque um desejo é moralmente inaceitável ou porque se trata uma experiência traumática que causaria muita dor ao ser processada pelo consciente. Esse evento passa a ser reprimido e mantido no inconsciente por uma força que Freud chama de *resistência*. A repressão faz com que se refugie no inconsciente toda energia libidinal que deseja se realizar. Aos poucos, a energia contida “transborda”, escapando por caminhos diversos na tentativa de enganar o consciente. Desse processo resultam as neuroses, que podem ter sintomas leves como TOCs e atos falhos mas também transtornos psicológicos graves, como a anorexia e a bulimia. O intuito desses transtornos é realizar de alguma forma o desejo represado. O mecanismo da repressão é uma defesa do ego contra os desejos do id e os desmandos do superego.

Freud não detalhou os mecanismos de defesa do ego, explicando apenas alguns, mas seus predecessores os categorizaram e denominaram. Os principais são: sublimação, repressão, racionalização, projeção, deslocamento, identificação, regressão, isolamento, formação reativa,

18 Um conjunto de discursos analíticos e normativos atrelados à moral e com o pressuposto de verdade sobre o sexo.

substituição, fantasia, compensação, expiação, negação e introjeção. É importante realçar que muitos desses mecanismos podem ser bem sucedidos e não gerarem perturbações, mas mesmo assim um mecanismo normalmente visto como bem sucedido pode não obter sucesso quando aplicado a determinadas pressões do id e do superego. Vamos aprofundar apenas aqueles que serão aplicados na análise do *corpus*.

A sublimação era vista por Freud como o mais eficaz mecanismo de defesa, pois canaliza os impulsos libidinais para uma postura socialmente aceita. Existem diversas formas de sublimação, sendo a caracterização do mecanismo a transformação da energia totalmente sem bloqueio. A repressão tenta fazer desaparecer da consciência os conteúdos desagradáveis, portanto, o recalque é uma modalidade de repressão. A racionalização é o processo pelo qual o sujeito apresenta uma explicação lógica e aceitável moralmente para um sintoma ou uma compulsão. A formação reativa é caracterizada por uma atitude ou um hábito psicológico contrário ao desejo recalçado, como, por exemplo, uma pessoa que tenha desejos sexuais intensos pode tê-los transformados em comportamentos extremamente puritanos. A negação é não perceber coisas que nos magoariam ou prejudicariam. A regressão é a volta à níveis anteriores do desenvolvimento¹⁹ onde não há angústia ou conflito, caracterizando respostas menos maduras.

Como a repressão sexual pode ser internalizada de forma inconsciente, a melhor maneira para analisar a discordância feminina com a reprodução dos papéis, de fazer falar esse silêncio imposto e seu conseqüente enclausuramento na norma, é a leitura das manifestações neuróticas das personagens. Partiremos do pressuposto que a imposição materna da norma e a relação conflituosa com as mães provoca os sintomas neuróticos que serão a chave da nossa leitura.

É importante ressaltar que a imposição materna da norma à filha não é fruto de uma autoridade legítima da mãe. Dentro de casa e na criação dos filhos a mãe não tem poder próprio. A sociedade patriarcal a autoriza exercer o poder no lar em seu nome. O pai, a igreja e a medicina dizem que cabe à mãe cuidar dos filhos e ela obedece usando muitas vezes os discursos dessas instâncias para afirmar sua própria legitimidade diante dos filhos.

19 Freud divide o desenvolvimento do indivíduo em fases: oral, anal e fase fálica. Cada uma delas representa uma área de interesse objetal, ou zona erógena. Como a análise das fases não contribui para o presente estudo, elas não serão trabalhadas.

5 A AVÓ-RAINHA E O CAVALO NEGRO: UM DUELO ENTRE AVÓ E NETA EM *O ESPARTILHO*

O conto *O Espartilho* (1978) é ambientado no período que antecede a II Guerra. Ele conta a história de Ana Luísa, a jovem órfã protagonista, que vive com a avó e a prima²⁰ bastarda, Margarida. Ele pode ser lido, apesar de ser um conto, com o aporte das categorias usadas para se analisar narrativas de formação, como explicaremos mais tarde. O pano de fundo do conto é o momento histórico da II Guerra e como ela interferiu nos ânimos das personagens. Ele também serve para colocar em conflito avó e neta, pois a primeira é anti-semita e a segunda é meio-judia (denominação dada pela própria personagem). É interessante se ater a esse detalhe, pois toda insegurança da protagonista se dá depois da descoberta dessa origem. O que Ana Luísa não sabe, ou nega, é que por mais que seu pai não seja judeu, ela é judia, pois essa condição é transmitida da mãe para os filhos, é matrilinear, sinal de que a personagem reluta em assumir essa identidade.

A matrilinearidade da mãe de Ana Luísa ainda representa uma oposição à família da avó, que é notadamente patriarcal, pois Rodrigues, o último nome da neta, é o sobrenome do avô. É mais um sinal de que o que está em discussão no conto é a tradição cristã ocidental contra o diferente. A marca dessa tradição é o “espartilho” da avó. Ele representa as imposições sociais feitas às mulheres. A mãe de Ana Luísa, que estava morta, era uma lembrança distante e quem exerce o papel de mãe da protagonista tanto no plano psicológico quanto no real é a avó.

Ana Luísa passa por diversas mudanças durante o conto. Ela começa como a menina graciosa que causa orgulho à avó, passando a ser uma adolescente tímida e calada, até se tornar uma mulher, já no final do conto. As transformações sofridas pela personagem são condizentes com a sua tomada de consciência da realidade feminina. Ela se vê obrigada a deixar o maniqueísmo da infância, que dividia as pessoas em grupos bem claros, o das pessoas “boas” e o das “más”, ao descobrir que aqueles que considerava “bons” não era totalmente bons e que ela própria estava no grupo que classificara antes como o dos “maus”. Essa mudança de perspectiva não se dá de forma tranquila, pois a personagem havia negado a verdade por muito tempo. Se não fosse o ataque de fúria da prima-empregada, fica a dúvida se um dia ela chegaria a admitir a verdade. Contudo, a

20 Podemos interpretar Margarida tanto como sobrinha de Ana Luísa quanto como prima. É difícil saber se o avô de Margarida, o tio Maximiliano, é irmão ou filho do avô de Ana Luísa. Em todo caso, como Margarida se refere à avó de Ana Luísa como “madrinha” (mesmo sendo uma hábito comum entre os mais humildes convidar pessoas abastadas para apadrinhar seus filhos) e ela e Ana Luísa são de faixas etárias muito próximas, vamos considerar que as personagens Margarida e Ana Luísa são primas.

protagonista mostra que desconfiava das histórias contadas pela avó sobre as mulheres do álbum. Como mostra o trecho abaixo:

Muitos retratos já não tinham mais nenhum mistério, mas sobre outros respingava suas reticências: “Um dia, Ana Luísa, quando você for maior...” Nunca chegou a me contar nada, tive que ir tateando, uma palavra aqui, um gesto lá adiante.(LFT, 1978, p. 30)

O conhecimento da realidade proporciona uma série de novas descobertas e a imagem que Ana Luísa passa a ter da avó vai tomando outra dimensão. No início do conto a personagem é tão preconceituosa quanto a avó. Sente-se superior à Margarida. Porém, as revelações da prima mostram que ambas tinham meio sangue Rodrigues, possuíam assim uma metade podre. “Metade do sangue de Margarida era negro mas a metade do meu. Fechei a janela. Fechei os olhos. Explicava-se assim o silêncio em torno da minha mãe.” (LFT, 1978, p. 39). Parte da dificuldade em assumir essa metade podre, se dá pelo preconceito. Margarida é menosprezada porque seu sangue negro é evidente, afinal, a prima é morena, mas o sangue podre de Ana Luísa é tão sutil que pode ser escondido.

Comecei a tremer. Minha mãe, judia? *Mas era horrível ser judeu*, todos viviam repetindo que era horrível. “*Ainda prefiro os pretos*”, ouvi minha avó cochichar a uma amiga. (LFT, 1978, p. 37 grifo nosso)

Depois da descoberta, a figura da mãe passa a ter mais importância para a personagem, embora a avó não esclareça suas dúvidas. Antes de saber que era judia, as perguntas de Ana Luísa ficavam sem resposta ou então eram respondidas de modo vago, seguido por uma mudança de assunto. Depois que conhece a verdade, a jovem passa a ter mais curiosidade, e quer confirmar a informação. No entanto, perde a coragem de interpelar a avó, porque não sabe como encarar os fatos e tão pouco qual será a reação da avó.

Fui esmorecendo, recuando só em pensar na pergunta-chave: minha mãe era judia? Senti a cara arder. Jamais poderia interpelar aquela avó-rainha. Que de resto não me responderia com um sim ou não, seu estilo era impreciso. Dúbio. (LFT, 1978, p. 40)

A jovem passa a adotar um comportamento muito diferente a partir desse momento. Ela passa a temer a avó porque sabe que esta não gosta de judeus. É um momento de muita angústia para a protagonista, que teme ser julgada como má ou ruim pela avó. Inconscientemente, ela passa a adotar posturas que desagradam a avó e a sua justificativa (uma racionalização) é exatamente “seu lado mau”. Ela estaria se identificando²¹ com o que ela imagina que seja um judeu. Como não tem parâmetros, passa a tomar atitudes contrárias àquelas esperadas por sua avó.

21 O termo *identificação* pode ser compreendido também como um mecanismo de defesa usado pela personagem. Como esta passa a duvidar da validade da avó como modelo, adota atitudes que imagina serem de sua mãe – timidez, magreza e etc.

Você mudou muito, Ana Luísa. Estou abismada com essa sua mudança tão repentina”, disse minha avó enquanto podava uma roseira. [...] fazia tudo por mim, os melhores colégios, as melhores roupas. E eu naquela apatia, como se a evitasse. [...] “Chego a pensar que está com medo de mim”. Mais a frente ela completa: “Interessante... Você está muito parecida com a sua mãe (LFT, 1978, p. 45).

Não se tem referências precisas da idade da personagem quando descobre a verdade sobre a mãe, mas podemos inferir que ela esteja no início da adolescência, um período de desenvolvimento psicológico importante na formação das mulheres. A morte dos pais da protagonista também é um mistério. Em todo caso, a morte dos pais de Ana Luísa deve ter sido uma experiência traumática para a menina. Sabe-se que em virtude desse evento ela foi morar na casa da avó paterna. Podemos supor que ela tenha sido afastada da família da mãe, pois sua avó faz questão de frisar que ela é uma Rodrigues até no andar (também para afirmar às amigas que a neta não era judia). Para a psicanálise, a perspectiva de um evento traumático que pode gerar muita angústia e dor para o indivíduo tende a ser colocada no inconsciente, reprimida pelo Ego. Dependendo da frustração enfrentada o indivíduo pode voltar a fases anteriores onde era mais feliz, o que caracteriza uma *regressão*. Dentro do conto a personagem apresenta esse sintoma logo que descobre a sua origem e conseqüentemente sente uma enorme frustração em relação à avó:

[...] E ficava horas estendida na cama, comendo tabletes de chocolate. Abraçava meu pequeno urso de pelúcia e dormia com a cara escondida no seu focinho. Às vezes, falava no ouvido da minha boneca de vestido de tafetá rosa antigo, completamente desbotado. Só queria usar sapatos já gastos, afeitos aos meus pés. E roupas de cores tímidas, que não despertassem a atenção de ninguém [...] (LFT, 1978 p. 49)

Ao que tudo indica, a personagem volta à fase anterior àquela em que descobre as circunstâncias da morte dos pais. O problema do preconceito não é o único a afetar Ana Luísa. A avó colocou um parâmetro tão alto no superego da neta que esta passa a ter consciência de que nunca irá alcançá-lo, e por conseqüência, nunca será valorizada pela avó:

Não tinha a menor dúvida de que ia jogar mal. Viver mal. Fui perdendo as peças todas, uma por uma. Minha avó ficou impaciente: Por que não avança esse cavalo? Aprenda a lutar, menina, vamos, reaja! A rainha branca atravessou o tabuleiro e encurralou meu rei. Não tive por onde escapar. Xeque-mate. Propus uma segunda partida. Que ela recusou, eu estava jogando sem a menor convicção. Sem competição, era uma jogadora conformada. (LFT, 1978, p. 44)

Podemos dizer que o superego de Ana Luísa a pune, pois ela percebe que nunca poderá alcançar esse parâmetro, afinal, é judia. Isso justifica inclusive seu comportamento tímido e regressivo. Ela dorme com o ursinho de pelúcia, só usa coisas velhas e com as quais já está acostumada. Em toda situação onde a personagem é questionada pela avó ou lhe é exigido que tome uma postura mais independente, ela reage fugindo. A maneira que ela encontra para isso é comer chocolates, ou melhor, enfiando montes de chocolate na boca para ficar assim impedida de falar. Essa reação pode ser interpretada de diversas formas. A simbologia do chocolate é importante pois,

além dele ser uma recompensa²², ele é o que lhe está ao alcance na primeira confrontação pública de Ana Luísa com o preconceito contra ela, então ciente de ser judia:

[...] A voz aguda pairou sobre todas as outras: "Nesse ponto, estou com a Alemanha. Tem então cabimento? Judeu é judeu e já disse tudo!" [...] Senti a garganta queimar. Contraí-me inteira, sem poder segurar o bule que larguei na mesa. [...] Fui indo atrás dela com a pilha de pratinhos para o bolo, queria gritar, morrer e fui seguindo com os pratinhos de porcelana nas mãos. Minha avó olhou nos meus olhos. "Deixa aí os pratos, filha. Eu mesma sirvo." O apoio inesperado comoveu-me tanto que cheguei a vacilar, segurei no espaldar da cadeira. [...] Comecei a comer o bolo que era de chocolate e comi o pudim e enchi a boca com biscoitos e mordi um sanduíche. Eu também estava debaixo da engrenagem. Mas viva. (LFT, 1978, p. 47)

A partir desse momento Ana Luísa se fecha cada vez mais e se distancia da avó. Não podendo verter todo o medo e ódio que tem desta, ela teria sublimado parte dele para a atividade que também lhe proporciona a distância – a leitura. Segundo Freud, a sublimação é a forma mais evoluída dos mecanismos de defesa, característica de um indivíduo normal. Mas para que ela se concretize dessa maneira, é preciso que a energia da pulsão considerada ruim pela sociedade (como odiar a avó) seja convertida para uma atividade socialmente aceita e valorizada. Uma jovem, daquela época, que gostava de ler e fazia faculdade, não era algo valorizado. E mesmo que fosse, era necessário que a avó reconhecesse o valor da neta, pois Ana Luísa não tinha mais ninguém que pudesse importar.

De qualquer modo, a atividade intelectual parece contribuir para a conscientização da personagem. Ela vai aos poucos compreendendo que o seu problema não era ser judia e sim ter uma avó anti-semita. Ela vai percebendo também que as normas impostas pela avó são causa de infelicidade. A virgindade passa a ter então um importante papel na afirmação da personalidade de Ana Luísa, pois o sexo fora do casamento representava tudo que era condenado pela avó. Ela aprendeu que era necessário ser virgem:

A virgindade. As jovens se dividiam em dois grupos, o das virgens e o grupo daquelas que não eram mais virgens, onde estava Margarida — uma agressão direta contra a família. As virgens percorreriam seu caminho com óleo suficiente nas lamparinas, mas as outras, as virgens loucas, estas se perderiam na escuridão fechada por espinhos. Desmoralizadas, acabariam na solidão, isso se não sobrevivesse algo de pior e que minha avó evitava mencionar. Levantava a mão e punha-se a sacudi-la profeticamente, "Não gosto nem de pensar!..." (LFT, 1978, p. 53)

Ao mesmo tempo, ela se depara com o dilema de muitas mulheres que adquirem ciência da condição feminina: se adequar às normas e ser infeliz ou ir atrás da felicidade e correr o risco “de se perder na escuridão”. A versão de Margarida a respeito das mulheres do álbum ilumina uma outra perspectiva da sexualidade feminina. As mulheres que eram, no reinado da avó, pontuadas por virtudes ou acontecimentos “normais”; como a vocação religiosa, desaparecimento, casamento e

22 Segundo o Dr. Ricardo A. Teixeira (abril, 2008), o chocolate contém substâncias capazes de estimular os nossos centros cerebrais relacionados ao prazer e à recompensa.

etc, são agora mais intrigantes e próximas de Ana Luísa.

[...] mas que família era essa que ela me apresentava? Gente insegura. Sofrida. Que eu teria amado muito mais do que as belas imagens descritas pela minha avó. Mas tive medo ao descobrir o medo alheio. (LFT, 1978, p. 32)

O que Ana Luísa percebe ao comparar a história contada pela avó com a versão de Margarida é que a repressão sexual estava tão fortemente imposta à essas mulheres que foi capaz de causar as reações mais violentas e trágicas nelas:

“Ora, ninguém vai morrer por isso.” Ninguém? Pensei nas mulheres do álbum. Tirariam as jóias. Os vestidos. Hora de tirar o espartilho, tão duras as barbatanas. Os cordões fortemente entrelaçados. Se deitariam obedientes, tremendo sob os lençóis. “Ninguém vai morrer por isso.” Mas há muito elas estavam mortas (LFT, 1978, p. 52).

O superego de Ana Luísa é repleto de frases ditas por sua avó, as quais ela relembra durante todo o conto. É um longo diálogo indireto entre a verdadeira vontade da personagem e as regras e imposições da avó. Essa conversa só pode existir no plano imaginário, pois a neta tem medo de interpelar a avó-rainha. Além disso, ela sabe que não iria adiantar um confronto direto, pois a avó saberia se esquivar das perguntas. Até o final do conto, é a avó quem detém o poder e a verdade. Sua onipotência como figura materna dificulta a manifestação expressa de qualquer sentimento negativo da neta em direção a ela.

A marca externa desse conflito é a compulsão alimentar apresentada pela personagem que literalmente “engole” a raiva comendo chocolates. A sensação de inadequação em seu meio, pelas razões anteriormente apresentadas, reforça a necessidade da personagem se esconder, querer passar despercebida. O que, aliado à baixa auto-estima decorrente da sua consciência de fazer parte do “lado dos maus”, justifica seu desleixo com a aparência. Além de tudo, a jovem começa a sofrer uma pressão da avó para se casar. Seria a única salvação possível para jovens como ela, obscuras. Nada pior que uma solteirona, além disso, era preciso garantir alguém para cuidar da neta. Deveria se casar rápido, pois se demorasse poderia perder o encanto da juventude, já que era desprovida de beleza:

Ia começar a batalha do casamento. Batalha? Nome demais pomposo, não haveria nenhuma batalha, eu devia apenas me casar cedo, destino natural das jovens assim obscuras. E sem ambição. “Não quero fechar os olhos antes de deixá-la em segurança”, costumava dizer. E segurança era ter um marido. O risinho vinha em seguida, quando perversamente se referia as minhas tias solteiras, essas *encalhadas*. (LFT, 1978, p. 53)

A possibilidade do casamento divide a jovem. Se por um lado ele poderia libertá-la do jugo da avó, por outro poderia inseri-la numa prisão ainda maior, a de esposa-propriedade do marido.

E se casasse? Seria uma forma de me libertar, mas no lugar da avó, ficaria o marido. Teria então que me livrar dele. A não ser que o amasse. Mas era muito raro os dois combinarem em tudo, advertira minha avó. (LFT, 1978, p. 52)

Coloca-se em xeque o espartilho que a avó pretende fazer a neta usar, pois ela desconfia que o destino que ele lhe reserva não é tão bom, limpo e certo como parece. É o indício do início de uma confrontação consciente de Ana Luísa contra a avó. Esse é o estado psicológico apresentado pela personagem quando conhece Rodrigo, um jovem atípico para a época, sem ambições ou preconceitos – um trota mundo. Ele tem um importante papel na narrativa, pois é o responsável por dar vazão à sexualidade contida de Ana Luísa. O relacionamento com Rodrigo libera a energia armazenada durante anos nos mecanismos de defesa, fazendo com que a personagem tenha forças para enfrentar a avó e demarcar sua fronteira.

O envolvimento com o rapaz é rápido. Em uma semana Ana Luísa já havia se entregado ao amante, mas não sem consequências, pois ainda não havia conseguido se livrar de seu superego que a punia por estar fazendo algo “errado”. No início do relacionamento, ela se sente melhor em proporcionar prazer ao amante do que senti-lo. Um sinal de submissão, afinal, a mulher não pode fazer sexo fora do casamento e se fizer deve fazer por amor.

"Se houver prazer, melhor ainda", disse minha avó. "Mas esse prazer é raro." Principalmente rápido, descobri e me abria inteira para fazê-lo feliz porque ele ficava feliz. Queria vê-lo esgotado, queria que seu corpo harmonioso e rijo desabasse amolecido ao lado do meu tão tenso. Com medo de vê-lo me afastar de repente, desativado (LFT, 1978, p. 56).

Aos poucos o próprio Rodrigo vai ajudando Ana Luísa a encontrar prazer no sexo, a “se soltar”. A diminuição da insegurança e do medo de perder o amante colaboram para que ela desperte sua sexualidade. A própria personagem compreende que no início o prazer que sentia era submissão (LFT, 1978, p. 56). A diminuição do medo proporcionou um aumento no amor e no prazer. A personagem adquire mais confiança, diminuem os ataques de compulsão. As mudanças são notadas pelo amante e ele a incentiva e a justifica.

Você está perdendo aquele jeito de quem está debaixo de um monte de pedras. É natural, com essa avó nazista... Também não fica mais olhando para os lados, como se fugisse da polícia, ah, Aninha, não é mesmo bom ser feliz? (LFT, 1978, p. 56).

Ana Luísa tem a confirmação de que precisava para se convencer que seu problema não era ser judia e sim ter uma avó nazista. Ele revela à personagem uma possibilidade de existência fora das normas rígidas da avó, e principalmente que há uma possibilidade de ser feliz. Rodrigo é um amante libertador, um homem mais velho, fora dos padrões, que não tem pretensão de se casar e que revela que, assim como ele, Ana Luísa pode ser feliz fora dos padrões. Ele eleva a auto-estima da personagem e a prepara inclusive para ser feliz sem ele, como ilustra a citação abaixo:

Escuta, Aninha, não sinta tanta pena de si mesma! Vai me jurar que nunca mais vai se achar uma coitadinha? Não sei o que será de nós nem nada, mas haja o que houver, vai me fazer isso? (LFT, 1978, p. 57).

Ele não sabe o que o destino lhes reserva, mas admite não se prender a ninguém, contudo, não deixa de orientar a amante. Mais adiante ele deixa claro que o problema de Ana Luísa é sua auto-punição (ou esse superego sexista e racista instigado pela avó):

No dia em que ficar de bem com você mesma, então vai ser formidável! Eu também andei muito tempo assim, meu inimigo mas passou. Somos muito jovens, Aninha, fortes como os bois que nem sabem a força que têm... Acabou a guerra mas logo vai começar outra. É quando não tem guerra, tem guerrilha, e daí? Tudo é bom, faz parte, é vida. O negócio é não se amarrar em nada, ficar com os braços livres para dançar, brigar, amar — ah! Ana Luísa Ferensen Rodrigues. Sabe que tem um lindo nome? Mas tira essa franja, chega de se esconder! (LFT, 1978, p. 57)

O relacionamento não prospera porque a avó interfere. Rodrigo não era da mesma classe social do que a neta. Sabemos também que a maioria dos amantes libertadores das narrativas de formação femininas são interditados. Eles cumprem um papel na orientação das personagens que é a libertação sexual. Cumprindo esse papel, não têm mais espaço na narrativa:

Nesse mundo natural, fora das injunções sociais, Eros floresce, o que se torna ameaçador. O amante ligado a esse mundo natural, quando aparece, está também desligado das imposições sociais e, em parte por causa disso, torna-se “um catalisador tão poderoso” da sexualidade feminina que precisa ser suprimido (ele desaparece, viaja, sofre acidente grave que o deixa paraplégico ou impotente, enlouquece ou morre). (SCHWANTES, p. 28)

Quando Ana Luísa descobre que o amante vai viajar, através da avó, ela se tranca no quarto para comer um tablete de chocolate. Tem uma recaída que nos faz pensar que ela vai regredir novamente por causa da decepção. No entanto ela sai escondida de casa e vai tirar satisfações com o amante. Nesse momento entende que o relacionamento não daria certo, pois ela percebe que viver com ele também não é o destino que deseja, a relação já cumpriu o seu papel de libertação e prolongá-la seria cair na normalidade. Ao voltar para casa ela percebe que tudo está exatamente no mesmo lugar – sinal de que o espartilho continua lá. Ela encontra a avó no quarto se preparando para dormir. Inicia-se o desfecho da batalha entre avó e neta. Entre a imaginação e a realidade, conseguimos notar uma postura muito diferente da personagem. Ao encontrar a avó no quarto, a neta percebe o quanto ela está envelhecida. Ana Luísa a enxerga assim talvez porque sua figura não seja mais tão onipotente, ela não tem mais medo da avó, pois já descobriu o seu segredo. No trecho abaixo ela imagina uma resposta para avó:

Alimentei ilusões, avó. Mas não estava ainda pronta para o amor, não sei como é com os outros mas no meu caso tinha que me preparar, lá sei! amadurecer. Agora já sei, pelo menos acho que sei. O que perdi em ilusão, ganhei em segurança. (LFT, 1978, p. 61)

Como consequência desse amadurecimento, Ana Luísa descobre que a avó por si não tem poder, o que a empodera são as normas que segue e transmite, que no conto estão representadas pelo espartilho. Sem ele a avó não sabe o que fazer, não enxerga nenhuma possibilidade, se revelando apenas como uma figura do álbum de retratos, presa em duas dimensões, apenas uma

imagem. É para ela que o caminho é escuro sem as normas, seu poder é tão legitimado pela ordem patriarcal que ela não tem nome, é a avó, é uma Rodrigues. Ao tentar tirar o espartilho da avó, Ana Luísa ouve dela que se sente melhor com ele. A avó prefere a manutenção da norma à felicidade da neta. Não há salvação para avó, o amor que ela sente pela neta é fundo demais, está preso e moldado pelo espartilho:

Eu sabia que no fundo ela me amava, mas por que esse fundo era tão fundo assim? Era aí que me queria dependente. Insegura. Agora o meu cavalo avançava com naturalidade, sem pensar em conquistas — ora, que conquista? Simplesmente ele cuspira o freio cheio de sangue e seguia trotando, ah, que belo era ver livre o meu cavalo negro. (LFT, 1978, p. 63)

Mesmo assim, parece ser tarde para a avó. Ana Luísa deixa o chocolate quente na mesa sem tomá-lo. Ela se dá conta que não precisava mais dele. Também não precisava mais da avó, havia se libertado. O cavalo negro representa a própria protagonista, pois as peças negras eram sempre suas no jogo de xadrez. Ele não era mais controlado, não tinha mais medo. Esse é o momento epifânico do conto, já no seu desfecho, que delinea a formação da protagonista:

Por fim, [...] o conto [...] traz uma diferença que começa pelo gênero: na extensão de uma narrativa curta, seria difícil (embora talvez não impossível) retrazar uma trajetória de formação. Dessa forma, os contos de formação [...], costumam se concentrar em um momento específico da trajetória do protagonista: o momento epifânico em que ele tem uma revelação sobre si mesmo, descobre algum dado identitário importante sobre si mesmo. (SCHWANTES apud DALCASTAGNÉ, 2010, p. 111)

O cavalo negro se liberta, ele não era mais controlado, não tinha mais medo, o que delinea a formação da protagonista. O final é apenas desenhado e a solução é algo que está projetado para além do conto, depois da última página. Resta então somente imaginar um desfecho. Devido a epifania que encerra o conto, pode-se apenas inferir da protagonista que ela realmente fugirá dessa dinâmica, pois adquiriu a consciência da condição feminina. Ela viu os efeitos do espartilho e quebrou o encanto do álbum de retratos. A falta de uma conclusão parece servir para convidar o leitor a também procurar o misterioso destino que é reservado àqueles que se soltam das amarras — o depois do “foram felizes para sempre”. Contudo, o conflito não se resolveu sem dor ou sem mágoas. Por mais que a personagem afirme para avó que não guarda rancor dela, não há garantias que essa postura se manterá, ou que a avó não guardará de fato rancor da neta. Sem uma resolução plena, o drama pode se repetir se Ana Luísa se tornar mãe, pois essa dinâmica silenciosa afasta mães e filhas, repetindo a peça da repressão sexual.

6 A FALÊNCIA DA FAMÍLIA FREUDIANA²³: A OBJETIVAÇÃO DO DESEJO EM *VERÃO NO AQUÁRIO*

Verão no Aquário, de 1963²⁴, mostra a falha na família freudiana através de um jogo de ações, intrigas e blefes. Raíza, a protagonista, persegue o sucesso da mãe tentando traçar seu próprio caminho. As teclas de seu piano se esforçam para abafar o som das teclas da máquina de escrever de sua mãe, Patrícia, uma escritora de sucesso. Raíza é uma pianista sem talento que trabalha como revisora, e filha sem alento. A mãe tão perfeita não parece despertar na filha a mesma admiração que desperta no resto da família. Contra quem ou o quê luta Raíza afinal? Contra a ordem patriarcal ou contra o patriarca de saias? O que ela quer? Um pedaço do pequeno espaço reservado à mulher na sociedade e que está sendo ocupado por sua mãe, ou cumprir o ritual típico da sexualidade masculina, matar o “pai” (sua mãe) para tomar-lhe o poder? Quem é de fato a personagem mais enigmática, mãe ou filha? Quais são os verdadeiros papéis e desejos nesse *aquário* (o apartamento onde mora a família)?

Raíza mora num apartamento com a mãe, a empregada, Dionísia e a tia Graciana, irmã de sua mãe. Fazem parte do romance também a prima por parte de pai, Marfa, que mora num pensionato de freiras, filha de tio Samuel, o irmão louco do pai de Raíza, que vive num sanatório. O pai de Raíza está morto e tudo leva a crer que foi por causa do alcoolismo, mas nem causa e nem a situação da morte não são esclarecidas na narrativa. Todas as personagens vivem na órbita de Patrícia, pois dependem dela financeira ou emocionalmente. Mais uma vez, o enredo principal da história é a conflituosa relação entre mãe e filha.

A protagonista culpa a mãe pela morte do pai, e pelo abandono do “galho podre”, onde estariam ela, seu pai, a prima Marfa e o tio Samuel. Esse parece ser o grande trauma de Raíza e uma leitura desatenta pode sustentar essa hipótese. O romance começa com um sonho de Raíza onde o pai lhe aparece com uma rosa no lugar do rosto e um hálito de hortelã, revelando que na família ele ocupa o lugar feminino, pois não tem tino para os negócios e é um sonhador. Ele chama pela filha que primeiro o repele, pois a hortelã indica que o pai estava bêbado, depois, lembrando que ele está morto, tenta tocá-lo e ele desaparece:

“Raíza, Raíza” [...] Papai, você bebeu outra vez! Tive vontade de dizer-lhe. Foi quando senti um perfume moribundo de rosas e lembrei-me então de que ele tinha morrido. Quis abraçá-lo, paizinho, que saudade, que saudade!... (LFT, 1998a, p. 7)

23 A família freudiana é descrita por ele como uma família triangular: mãe, pai e criança. Nessa família ideal, todos os membros estão presentes durante as fases do desenvolvimento da criança, principalmente na resolução do complexo de Édipo.

24 Data da primeira publicação

Já podemos perceber nesse início que a figura do pai, que Raíza tanto exalta, é no fundo julgada por ela. A postura da personagem é contraditória, pois ao mesmo tempo que reclama do suposto desprezo da mãe em relação ao vício do pai, ela no fundo o despreza por isso também. Outra razão a qual podemos atribuir esse comportamento de Raíza é que o hábito do pai beber era o motivo das brigas entre os pais, o que certamente a perturbava e fazia com que ela desejasse que o pai não bebesse. Mais o que mais perturba Raíza na verdade é o fato da mãe parecer não se importar com ela, assim como pareceu não se importar com seu pai. Ela acha que a mãe deveria tê-lo salvo, como deve salvá-la:

Quem cuidaria de meu pai, delicado como uma folha murcha, dessas que caem ao primeiro vento?! E do tio balofo como um fruto que apodreceu antes de amadurecer, quem cuidaria dele, quem? No espelho eu via fazíamos parte da mesma árvore, a árvore detestável que minha mãe aceitava em silêncio. (LFT, 1998a, p. 11)

Existe uma enorme distância entre mãe e filha. Patrícia é uma escritora de sucesso que sustenta a família com o dinheiro proveniente dessa atividade, e como essa não é uma atividade muito rentável, a família passa por dificuldades financeiras. Ela escreve romances virtuosos, condizentes com a postura que assume. Algumas críticas²⁵ veem Patrícia como a representação da nova mulher brasileira que começa a surgir na década de 60, independente financeiramente e chefe de família, ela escolheu inclusive com quem casar, como e quando, a contragosto do pai, como relata tia Graciana a Raíza:

Patrícia é uma flor... Não se pode negar que teve em certas ocasiões um comportamento meio esquisito. Quando se casou, por exemplo, já falei nisso, não? Nem sabíamos de nada quando veio anunciar que marcara o casamento para o próximo mês. Casamento com quem? perguntou minha mãe no maior susto, sabíamos que ela se encontrava com Giancarlo mas como podíamos adivinhar que as coisas estavam nesse ponto? [...] Você sabe perfeitamente que na nossa família as coisas são feitas num outro sistema, disse meu pai. Patrícia então examinou-o como costuma examinar essa cortina e respondeu que já estava na hora de mudar esse sistema. (LFT, 1998a, p. 33)

Contudo, a personagem não abandona o discurso patriarcal, conservando-se moralista apesar de ter sofrido com o preconceito quando tomou atitudes inesperadas para uma mulher de sua geração. A permanência desse discurso se revela na postura de Patrícia, a distância que toma da filha por ela ter uma postura da qual discorda, e uns poucos comentários pronunciados por outros:

Você não sente calor, mamãe? Incrível como você consegue ficar de meias, assim toda arrumada, uma princesa... Abafei o riso. Tudo aquilo era tão disparatado! Marfa dissolvida na água, minha mãe em estado sólido, feito pedra, e eu ali no indefinível estado pastoso. (LFT, 1998a, p. 63)

Patrícia não fica a vontade nem em sua própria casa, num verão escaldante. Escritora de

25 CAVALCANTE, Ilane Ferreira. **Relações familiares em Verão no Aquário e As Meninas de Lygia Fagundes Telles.**

palavras perfeitas, presa à forma, longe do conteúdo. Ela não consegue encarar Raíza, pois a filha lhe lembra o marido tão condenável:

Guardar o útil e deitar fora o inútil. E que perita ela se tornara nessa arte de selecionar!... Que importância meu pai ou eu podíamos ter? Nós dois tão desfibrados, tão frágeis com nosso medo da morte, com nosso medo da vida – que importância, não, mamãezinha? (LFT, 1998a, p. 61)

A presença de alguém viciado na família é sempre um motivo de instabilidade. Dentre as diversas posturas que poderiam ser tomadas por Patrícia percebemos que ela, num primeiro momento, tenta brigar com o marido para que ele pare; por isso Giancarlo vivia cheirando a hortelã, chupava pastilhas na tentativa de disfarçar o cheiro de álcool. Por fim ela opta pela distância, uma distância que revela também uma certa dose de desprezo pelo que consideraria “uma fraqueza”, e como consequência, se distancia também de Raíza. O comportamento viciado, porém, pode ser interpretado por outra ótica, ele é uma recusa em aceitar o próprio destino (GIDDENS, 1993, p. 87), é um comportamento exacerbado que desestabiliza a “ordem”. Seu pai era um sonhador, alguém diferente, e é nesse aspecto que Raíza se assemelha ao pai e se encontra no mesmo galho da árvore.

O comportamento compulsivo de Raíza se manifesta diversas vezes durante a narrativa. A sua compulsão por limpar as unhas e suas recorrentes tentativas frustradas de “mudar de vida” revelam uma perda de controle do “eu” da personagem. O uso de drogas visa buscar um êxtase, uma realização momentânea dos desejos reprimidos, de forma compensadora. Esse êxtase faz com que a personagem se sinta em “outro mundo” e faz com que ela encare suas atividades habituais com um divertimento cínico ou até mesmo com desprezo.

Podemos perceber que a todo o momento Raíza faz pequenas maldades e a todo tempo emite seus juízos. Ela olha para a prima que dormia semi-nua depois de uma bebedeira e a acha “branca demais” (p. 7) depois, diz que tem ímpetos de jogá-la para fora da cama. Quando a prima balbucia algo ela responde com uma condenação: “Precisava beber tanto? Hem?” Mesmo assim, Raíza é companheira de farras da prima. Ela se julga melhor que Marfa apenas porque acredita em deus e diz arrepender-se de seu comportamento. A verdade é que a personagem atua o tempo todo. Diz várias vezes durante o romance que vai dar aulas de piano, mas nem o abre. Fala que vai “melhorar”, parar de beber, de usar drogas e de andar com a roda de amigos, mas sempre acaba desistindo:

Marfa, você não devia ter trazido a fantasia sem falar antes comigo, não vou nessa festa, eu disse. Houve um breve silêncio. Foi quando minha mãe respondeu antes que Marfa o fizesse: “Você *sabe* que vai acabar indo, Raíza. Melhor começar a se vestir, acrescentou apanhando o livro que deixara numa cadeira. Como vai ser uma história de *gangster*, espero que acabe bem.” Sustentei-lhe o olhar. Agora só me restava vestir aquele trapo decotado até quase a cintura, pintar a cara e mergulhar na noite. (LFT, 1998a, p. 73)

Raíza espera o apoio da mãe para manter sua decisão de melhorar, mas como esse apoio não

vem, apenas um juízo desfavorável, ela continua com sua vida desregrada. Essa desmotivação que faz a personagem desistir de tudo que pode fazê-la amadurecer tem início quando ela começa a ter dificuldades em tocar piano. A professora parece se surpreender com a queda de rendimento da aluna, Patrícia não parece desapontada:

Só minha mãe não se surpreendeu, “Passou como passou a adolescência”, ouvi-a certa tarde dizer a Miss Gray que se confessava derrotada. Contudo, não se opôs a que eu contratasse Goldenberg, “É um excelente professor”, disse apenas. E esperou, era horrível sabê-la esperando que Goldenberg também desistisse. (LFT, 1998a, p. 43)

O foco das atenções da protagonista é seu relacionamento com a mãe. A jovem deseja chamar atenção da matriarca a todo custo e por isso também seu comportamento rebelde. Esse aspecto de Raíza fica evidente quando percebemos que as atitudes que toma são contrárias à sua própria moral. Ela leva a prima para sua casa para que ela não seja vista bêbada pelas freiras, corta os palavrões que Marfa coloca na boca das personagens que traduz:

Marfa traduzia bem, mas era preciso rever com cuidado porque de vez em quando ela carregava demais no tom de um ou outro impropério que porventura a personagem deixava escapar. “O palavrão tem que estourar na hora certa”, disse-me ela. Mas é uma senhora inglesa que está falando! eu ponderei. (LFT, 1998a, p. 26)

Em outro momento, Raíza se espanta com a produtividade da prima. Ela se julga superior a Marfa principalmente porque tudo que faz é para ela motivo de vergonha e de culpa. Era difícil acreditar que a prima fosse mais produtiva do que ela, ou que fosse melhor do que ela em alguma coisa, sendo que não se arrependia nem se importava com a própria conduta:

Era inacreditável, mas ela produzia muito mais do que eu. Saía de uma bebedeira e entrava noutra mas nos intervalos, tinha verdadeiros acessos de energia, trabalhando com uma eficiência que se assemelhava a um processo de autoflagelação. (LFT, 1998a, p. 60)

Além disso, Fernando, seu amante que além de tudo é bem mais velho do que ela, diz que Raíza parece ser da geração da tia Graciana. Ela é, na verdade, tal como a mãe. Uma pessoa moralista que julga e condena aqueles que agem contra essa moral. Suas atitudes são compreendidas por aqueles que estão mais próximos dela como artificiais, sinal de que, no fundo, Raíza não é a pessoa que mostra ser nas suas atitudes, um caso típico de formação reativa. A protagonista condena o relacionamento da mãe com André, pois ele é mais novo, mas em vez de mostrar sua raiva ou insatisfação ela tenta conquistar o rapaz:

Ora, para onde você a leva quando não estão tomando chá, respondi e ele então se levantou. Perdi-o, pensei, E esse pensamento impeliu-me a prosseguir falando enquanto ele me olhava com uma cólera onipotente. Tomei-lhe a mão: Vamos nós dois descer também aos infernos, hem, André? Você precisa dela, eu sei, aquela velha história de todo homem querer no fundo dormir com a mãe, não me oponho a Édipo. Mas veja em mim a irmã e serei Electra! (LFT, 1998a, p. 25)

A verdade é que Raíza e André são muito mais parecidos do que a própria protagonista pode imaginar – ambos tem Patrícia como objeto de seu desejo edipiano. André compreende Raíza melhor do que ela mesma:

Não, você não me ama, você cismou comigo, tudo não passa de um simples capricho, prosseguiu ele pondo-se a andar de um lado para o outro como um animal enjaulado. Eu não pretendia dizer-lhe o que vou dizer, mas você fica insistindo. Pois bem, talvez seja melhor esclarecermos de uma vez por todas, o seu interesse por mim existe exclusivamente porque você desconfia que sua mãe e eu...[...] Deixa eu terminar! exclamou ele avançando. Fez um esforço para controlar-se: Exatamente, é esse o seu juízo a nosso respeito e desse juízo nasceu a idéia de amor. Mas você confunde amor com ciúme, tem ciúme dela e fica então a desafiá-la o tempo todo, atormentando-a de um modo incrível... (LFT, 1998a, p. 96)

E Raíza, por sua vez, também o compreende melhor do que ele mesmo, como revela a passagem abaixo:

Como dizer-lhe que ele também representava? E tão mal. Decorara o papel e agarrava-se a ele sem talento, sem vocação. O que aconteceria quando descobrisse que a solução era rasgá-lo? Fiz uma pinta perto da boca do homem que desenhara, um aristocrata de cabeleira postiça e capa sem avesso nem direito, podia usá-la dos dois lados, era indiferente. (LFT, 1998a, p. 172)

Não importava a atitude que tomassem, tanto a castidade quanto a devassidão, a dependência emocional que tinham de figura materna, Patrícia, persistia. Essa dependência afetava profundamente a sexualidade deles. André a reprimia e Raíza se sentia vazia por mais que fizesse sexo também:

E eis que com dezesseis anos e oito meses apenas, pressenti que viriam outros equívocos: a busca, a conquista, a posse rápida e total na ânsia de enraizar o amor que de repente não é mais amor, é luxúria, luxúria que de repente não é mais luxúria, é farsa. Farsa que é medo, simplesmente medo da solidão mais difícil de suportar do que o peso do corpo alheio a se abater sobre o meu. (LFT, 1998a, p. 46)

O complexo de Édipo não resolvido de Raíza, além de fazer com que a mãe fosse o objeto das suas atenções, coloca na protagonista uma vontade de regredir expressa inúmeras vezes no texto. Ela queria voltar a fase onde ela e a mãe eram próximas, onde o pai não estava em decadência:

Meu metro quadrado está aqui dentro, pensei fechando as mãos. E nele era só eu quem decidia: a casa continuava sendo nossa, a essência de jasmim tinha o perfume de cravos e a torta de laranja tinha o sabor de maçã. Nesse metro quadrado minha mãe pedia que eu deitasse a cabeça no seu colo para me afagar como fazia quando eu era criança (LFT, 1998a, p. 69).

Mesmo assim a situação ideal de Raíza não conta com a presença do pai. Ela não deseja que ele esteja vivo. Isso porque o vício do pai a afastou a mãe, que se isolou no seu trabalho para não ter que lidar com a situação. A reação da mãe ficou marcada na memória de Raíza:

Minha mãe devia ter notado que ela bebera porque nesse instante baixou os olhos e teve aquela expressão que eu conhecia bem: era assim que ficava quando via meu pai chegar cheirando a hortelã, nem cordial nem fria mas desligada. (LFT, 1998a, p. 73)

O pai foi uma barreira entre Raíza e a mãe, assim como André. Ao que parece, o pai de Raíza morreu cedo, antes de cumprir com o seu papel de separar mãe e filha. A relação objetal de Raíza continuou sendo mais forte com a mãe. O aparecimento de André formou um novo triângulo edipiano. No entanto, ao contrário de funcionar como Freud previa, a filha quis “matar” o pai para ficar com a mãe. No caso de Raíza, ela flertava com André para provocar ciúmes na mãe. Depois de sua morte, ela se sente livre para se aproximar de Patrícia e regredir a fase da infância anterior à separação da mãe:

Lado a lado lá iam as duas xícaras. As duas xícaras. Exatamente como antes, naquela mesma hora, lá ia a bandeja de chá para o escritório com as duas xícaras juntas. Ela teria um olhar de desesperada saudade para a xícara vazia, ah, se nessa primeira tarde não nos separássemos, *se eu pudesse substituí-lo ao menos naquele instante*. [...] Ela precisava tanto de mim agora, tínhamos que ficar juntas. [...] Enxuguei as lágrimas. E fechei a janela ao sentir o sopro frio do vento. O verão terminara. (LFT, 1998a, p. 206, grifo meu)

A regressão sofrida por Raíza é uma neurose que tem como um dos sintomas a compulsão de limpar as unhas. Toda vez que a personagem faz algo que seu superego desaprova, mesmo que ela não peça desculpas ou manifeste algum arrependimento, ela limpa as unhas. Essa estranha mania de limpar as unhas diariamente com um pau de laranjeira, regá-las à óleo de amêndoas e lixá-las, seria uma prática simples visto que Raíza é pianista, mas ao longo do romance percebemos que a personagem não toca há anos e que sua mania se define antes como TOC do que como um simples hábito de quem precisa das mãos para trabalhar. Essa faxina aparece em diversos momentos do livro, quando a personagem tenta deixar a rotina boêmia e 'suja' para dar lugar à uma vida mais séria. Parece que as unhas foram as únicas coisas que restaram do seu talento, como fica claro na citação abaixo:

[...] Que é que você está aí escovando?
Sentei-me no banco ao lado do lavatório.
– As unhas.
– Você tem mania com as unhas.
– Fernando também já me disse isso.
– Você precisa de divã, vou lhe apresentar o meu
bruxo.
– Deixei a espuma escorrer pelos pulsos e pingar no
chão.
– Mas só por causa das unhas?
[...]
– É preferível que inicie o tratamento por causa de um
detalhe apenas, compreende? Você vai lá pra saber por que olha tanto para as unhas
e acabará descobrindo que aos dez anos quis enforcar sua mãe com a fita do
cabelo...
(LFT, 1998a, p. 56)

Apenas dez páginas depois, o ritual aparece novamente, num momento onde Raíza tenta se conciliar com deus, pedindo compreensão por suas faltas e achando que Jesus talvez a entendesse melhor, pois vivera entre nós:

Abri o vidro de óleo de amêndoas e nele fui mergulhando as pontas dos dedos. Um cheiro adocicado espalhou-se no ar. Com o pauzinho de laranjeira, afastei a película das unhas para que nelas penetrasse o óleo. Mas Deus não usava sandálias, só Jesus as tinha usado um dia. Jesus talvez me entendesse mais, Ele que já estivera entre nós, que já chorara como nós e como nós sentia o mesmo desespero. O mesmo vazio. (LFT, 1998a, p. 66)

A dificuldade da personagem está em negar a verdade. Todo o sarcasmo do qual ela é acusada está no seu profundo conhecimento do funcionamento das normas sociais. Ela é como Cassandra da mitologia grega, que fala a verdade, mas é desacreditada por todos. A postura de Raíza é ofensiva porque essa verdade das coisas a agride profundamente. Ela sabe que não faz parte das pessoas virtuosas dos livros de sua mãe e conseqüentemente acha que um “final feliz” das heroínas de sua mãe nunca lhe será possível. Quando a prima Marfa se entristece ao saber que seu amado vai se casar com outra, Raíza lhe explica como as regras do jogo funcionam:

Ora, Marfa, não será preciso ir no analista para saber por que ele vai casar com outra, eu lhe direi já, Eduardo é boêmio, mas equilibrado, ele só se casaria com uma moça normal, acabou-se. Homem para casar com moças do nosso tipo tem que ter um pouco o espírito daquela gente do Exército da Salvação, sabe como é? Aquela por demais otimista, que canta hinos enquanto vai recolhendo esmolas num caldeirão. Ora, psicanalistas! (LFT, 1998a, p. 100)

Regras que valem para ela também. A diferença entre as duas jovens está no fato de Marfa ter perdido a mãe, e não o pai. Ela aparenta ser mais bem resolvida que Raíza. Tem maturidade e simplicidade em seus comentários. Com um pai louco no sanatório e uma mãe morta, Marfa pode até se espelhar na tia como modelo, mas ela não sofre as pressões castradoras de Patrícia da mesma maneira que Raíza. O fato dela não ser filha de Patrícia ameniza seus julgamentos, afinal, a tia não é responsável por sua criação ou sua honra. Ela acaba recebendo até mais carinho e atenção de Patrícia, que se preocupa com sua situação na pensão e a convida para morar com ela, do que Raíza.

A questão acerca das duas personagens é que ao final do livro elas vão em busca da resolução normal para as mulheres. Marfa arruma um emprego para ajudar a tia a pagar o sanatório do pai, e fica noiva do homem que deseja, Eduardo. Raíza deixa de sair com a turma, beber ou praticar sexo, ameniza o tom dos comentários que faz à mãe e as duas parecem ter a conversa que vinham ensaiando há anos. A personagem se livra dos antigos vícios apenas porque consegue uma reaproximação de seu objeto edipiano. André, pelo contrário, se afasta de seu amor edipiano quando dorme com Raíza. Sua incapacidade para lidar com a sexualidade torna o amor por Patrícia um porto seguro, pois era ausente de sexo. Esse refugio desmorona quando Raíza libera a sexualidade de André e o rapaz vê o suicídio como uma forma de preservar sua relação com Patrícia. A reação

de Patrícia diante do suicídio do amado é inesperada, pois todas as suas atitudes se voltam para o bem-estar da filha..

O último capítulo do livro mostra Patrícia se ocupando dos cuidados com Raíza, inclusive acariciando a filha, o que não acontecia desde a infância desta. Nesse momento a mãe perdoa a filha por tudo o que fez e decide preparar-lhe um banho. Raíza diz não ser necessário, mas Patrícia pede que ao menos naquele dia Raíza a deixe lhe preparar um banho. É um sinal de que assim como a filha, a mãe deseja regredir ao período onde elas se fundiam. O banho de banheira representando o útero, a água como o líquido amniótico. Raíza volta ao útero materno se deformando no lugar de se formar. O espelho com o qual vivia sonhando, que era a representação do pai e da verdade, se quebrou – Raíza podia agora negar a verdade.

Ao contrário do que acontece no conto *O Espartilho*, a protagonista do romance luta durante todo o texto para voltar à fase onde era próxima da mãe e não de se separar dela. Esse desejo é também um desejo de extirpar do próprio consciente a certeza de não ser uma mulher normal. A personagem concluí seu processo fincada na terra, enraizada, como seu nome sugere. Longe da luz que poderia libertá-la.

Há toda uma alusão à escrita no conto, nas profissões de Raíza, Patrícia e Marfa. O embate sendo travado entre as teclas do piano e da máquina de escrever. A filha que está em estado pastoso, representando a nova escrita livre, e a mãe que segue a norma, em estado sólido, firme. A literatura é apresentada no final do romance como uma solução, como capaz de fornecer um modelo, mas tanto mãe e filha seguem na mesma direção. O casamento é apresentado ironicamente por Patrícia como a solução para Raíza (LFT, 1998a, p. 200), já que para ela o casamento trouxe poucas benesses e muitos fardos.

Ao final do romance, duas interpretações podem ser feitas. A primeira é a de que se delineia a solução *deus ex machina*, onde tudo se resolve magicamente: Marfa toma jeito se casando e se tornando uma moça honesta; Raíza parece ter deixado de vez seu comportamento nocivo se reconciliando definitivamente com a mãe. Na segunda leitura, duas xícaras são levadas ao escritório para o chá, exatamente como era na época de André, dando a entender que agora era outra estação e a história estava prestes a se repetir, no lugar do homem com o olhar dourado (representando o verão) entra o homem árvore (representando o outono). E Raíza ficará com sua percepção enterrada na terra até essa árvore se plantar entre ela e a mãe. Quando isso acontecer, Raíza florescerá repetindo o ciclo das estações e voltando a agredi-la com seus espinhos, pois nunca conseguirá se desprender da mãe. O complexo de Édipo parece não ter solução no caso de Raíza e Patrícia.

7 TRÊS ESTILOS E DOIS DESTINOS: OS ÚNICOS DESTINOS QUE PARECIAM POSSÍVEIS EM *AS MENINAS*

O romance *As Meninas* é um dos mais comentados de LFT. Escrito em 1973²⁶, em plena ditadura militar, ele traz a história de três jovens universitárias, Lorena, Lia e Ana Clara. Elas moram em um pensionato de freiras São Paulo e cada uma delas vem de uma classe social diferente, o que as torna detentoras de personalidades e problemas diferentes. O romance discute várias questões que tangenciam a formação de uma geração que reagiu de formas diversas a uma realidade que parecia por demais absurda. Cada uma das personagens revela sua postura em relação ao sexo, casamento, religião entre outros pontos de contestação daquilo que lhes estava sendo imposto. A nossa análise dará enfoque à visão das personagens sobre o sexo, e como a figura materna exerce influencia nessa concepção. O diálogo indireto com as figuras maternas durante a obra é intenso, principalmente na fala das personagens Lorena e Ana Clara.

O romance, narrado em terceira pessoa, é conduzido pelo olhar das personagens, dando ao leitor a sensação de estar presente, observando-as. A forma de narrar a trama faz o leitor sentir que penetra, por vezes, nos pensamentos das personagens, ou que está tão perto delas, observando-as que se pode ouvi-las pensarem alto. Por meio dessa proximidade pode-se decifrar silêncios e gestos revelando a riqueza da chamada “escrita psicológica” de LFT. Dessa forma podemos ler as diversas manifestações neuróticas das personagens como parte da construção de suas “narrativas do eu”. Essa análise nos permite ainda entender tais manifestações como resultantes dos mandatos impostos a elas por suas mães, onde elas escapam das imposições e onde elas falham.

É importante lembrar que os estilos de mulher – doméstica, sensual e combativa – não aparecem puros em cada mulher. Cada uma pode conservar em si mais de um tipo, embora apenas um predomine. A mulher doméstica se caracteriza por colocar os filhos em primeiro lugar, acima de si mesma e até mesmo do marido. A casa também é uma forte prioridade e a preocupação consigo mesma fica depois de tudo. Seu objetivo de vida é ser vista por todos como uma boa mãe e dona-de-casa. A mulher sensual se concentra em conquistar a todos com seu charme e beleza, se preocupando em não ser vulgar e não perder a beleza e a juventude. A mulher combativa tenta vencer no mundo masculino, sua prioridade é o trabalho e seu corpo é visto por ela como um instrumento que lhe possibilita trabalhar mais.

Lorena, a garotinha da mamãe, criada para ser a perfeita dona-de-casa, vive no seu quarto no

26 Data da primeira publicação. Como as duas edições utilizadas, a de 1998 (TELLES, 1998b) e a de 2009 não apresentaram diferenças nos trechos utilizados no presente trabalho, optaremos por usar a data da edição de 2009 para facilitar a identificação das obras.

pensionato (a concha), onde tem tudo de que precisa na mais perfeita ordem e limpeza. Tudo isso contrastando com a confusão em que se encontram seus desejos. A perturbação da personagem vem do trauma da morte do irmãozinho, Rômulo, fato que parece ter desencadeado a loucura do pai e sua conseqüente morte. Essa é uma dor que parece viva, e em diversos momentos é lembrada pela personagem:

Rômulo nos braços de mãezinha, procurei um lenço e não vi nenhum, seria preciso um lenço para enxugar todo aquele sangue borbulhando. Borbulhando. "Mas que foi isso, Lorena?!" Brincadeira, mãezinha, eles estavam brincando e então Remo foi buscar a espingarda, corra senão atiro ele disse apontando. Está bem, não quero pensar nisso agora, agora quero o sol. Sento na janela e estendo as pernas para o sol. (LFT, 2009, p. 21)

Outro aspecto problemático de sua vida é seu relacionamento com a mãe, chamada por ela de mãezinha. Viver sozinha num pensionato de freiras não a livra do controle materno, pois suas atitudes são pautadas pelo que a mãe poderia pensar dela, revelando que mesmo tendo dinheiro próprio ela não tem liberdade para fazer o que bem entende. O que "mãezinha" irá pensar parece ter muita importância para ela. Sua virgindade é um exemplo desse controle mental:

"O tesouro de uma moça é a virgindade", ouvi mãezinha dizer mais de uma vez às mocinhas que trabalhavam na casa da fazenda. Como nunca mais fez essa advertência, calculo que o tesouro só era válido para aquele tempo. E para aquele gênero de mocinhas, filhas de colonos ou órfãs. Mas se chego e digo: tenho um amante. Vai escancarar os olhos e empalidecer num susto que pode durar algumas horas, sempre demora um pouco para se acomodar às novas situações. [...] Você não há de querer que eu fique virgem para o resto da vida, certo? Certíssimo, isso não desejaria em nenhuma hipótese, já fez milhares de alusões irônicas sobre as que morrem virgens e viram estrelas. Não vai querer que eu fique lésbica, se não ando com homem tenho que andar com mulher, não tenho? Ela sacode a cabeça apavorada, não, não! (LFT, 2009, p. 196)

Nesse trecho, uma conversa imaginada entre Lorena e a mãe, a personagem procura uma forma de dizer à mãe que está apaixonada por um homem casado e, mentalmente, se justifica, argumentando que é melhor perder a virgindade com um homem casado do que morrer virgem ou ser lésbica.

Como uma mulher que sempre foi uma mãe-mulher-doméstica, mãezinha perdeu a razão de sê-lo depois de perder o marido, vender a fazenda da família e criar os filhos. Ela assume características de uma mulher sensual casando-se com um homem mais novo. Para poder viver essa nova condição, ela coloca a filha num pensionato de freiras. Independente de sua conduta atual, o mandato que passa a filha é claro e vai além da virgindade: é preciso ser heterossexual e bem casada, como toda moça de boa família. Parte desse mandato fica claro quando a mãe se mostra arrependida ao conversar com Lia, amiga de Lorena:

Fico satisfeita de pensar que é amiga de Loreninha. Minha filhinha querida. Tão pura, tão honesta e sensível. [...] Quando fiz essa loucura de me casar outra vez, quando me apaixonei por esse homem que me tem feito chorar lágrimas de sangue, perguntei a ela, qual é sua opinião, filhinha? Então ela tomou minhas mãos entre as suas e com aquela

doçura que você conhece respondeu, o que mãezinha fizer, está bem feito. Não sabe nem a metade do que tem me acontecido, não quero que se machuque, que sofra. Esse namorado dela, o atual, você conhece? (LFT, 2009, p. 229)

O quarto onde vive Lorena é chamado por ela de “concha”. Não por acaso ela guarda lá a virgindade, aquilo que tem de mais precioso. A palavra concha é apontada por Freud (FREUD apud RAPPAPORT, 1981, p. 49) como um símbolo da vagina na interpretação dos sonhos. Outra leitura se faz possível dessa palavra e a de que Lorena pode ter escondido na concha sua homossexualidade. A impossibilidade de dar vazão a sua verdadeira sexualidade seria a razão da sua virgindade e sua recusa em perdê-la seria uma forma de preservar sua opção do crivo social. O problema parece preocupar também a mãe de Lorena, que chega a questionar Lia sobre a sexualidade da filha:

— Fico tão feliz por saber que continua pura — murmurou com uma expressão de beatitude. Mas logo a testa se franziu. A voz ficou embaçada: — Você não acha que ela se interessa pouco por sexo? Tenho às vezes tanto medo, está me compreendendo? Aumentou tanto ultimamente, você sabe, essas moças... (LFT, 2009, p. 237)

Essa preocupação da mãe de Lorena também é estimulada pela aparência da melhor amiga, Lia, que por seu desleixo faz muitos pensarem que é lésbica. A resposta que Lia dá em sua defesa da amiga acaba comprometendo-a ainda mais, pois Lia defende a si mesma, visto que teve a própria sexualidade reprimida pela mãe:

Não quero ser rude, mãezinha, mas acho completamente absurdo se preocupar com isso. A senhora falou em crueldade mental. Olha aí a crueldade máxima, a mãe ficar se preocupando se o filho ou filha é ou não homossexual. Entendo que se aflija com droga e etecetera mas com o sexo do próximo? Cuide do próprio e já faz muito, me desculpe, mas fico uma vara com qualquer intromissão na zona sul do outro. Lorena chama de zona sul. A norte já é tão atingida, tão bombardeada, mas por que as pessoas não se libertam e deixam as outras livres? Um preconceito tão odioso quanto o racial ou religioso. A gente tem que amar o próximo como ele é e não como gostaríamos que ele fosse. [...]

— Mulher sem homem acaba tão complexada, tão infeliz. Com homem também, tenho ganas de dizer-lhe e dar-lhe o espelho na mão.

— Complexada porque todo mundo fica enchendo a sacola. Não é o caso da Lorena, não estou mais pensando nela, estou pensando só nisto, já é tão difícil crescer, ser amado por aquele que a gente ama. E tem que vir alguém determinar o sexo do amor. (LFT, 2009, p. 238)

Lorena ainda faz um grande esforço para substituir as imagens eróticas que faz das duas amigas por alguma figura masculina que lhe pareça adequada, mesmo assim deixa escapar imagens e desejos no momento íntimo do banho: “Abriu as torneiras da banheira e sentou-se na borda, a mão brincando com a água. Riu baixinho. Lembrava-se de Lia chegando com as duas malonas estourando de coisas”. (LFT, 2009, p. 61). Em diversos momentos do romance a jovem reprime a própria sexualidade e logo em seguida se arrepende, não entende bem o porque da própria atitude. O primeiro a ser repellido é Fabrízio:

Quando ela sentiu no rosto a aspereza da barba dele, deixou de rir e se fez mais frágil, aconchegando-se entre seus braços musculosos como se aconchegava nos braços do pai. A certeza de que ele tomara banho havia pouco enterneceu-a: não era sabonete de feno? Sentiu de novo aquele mesmo aturdimento bachiano, abriu a boca debatendo-se fracamente, "me larga, me larga!" pediu puxando-lhe os cabelos e ao mesmo tempo pensando que iam acabar amantes naquela noite mesmo. Amantes. [...] "Senta aqui, Lorena, senta aqui." Ela correu para encher a chaleirinha d'água, o chá não ia demorar nada, nem cinco minutos. Demorou quase uma hora. [...] Mas não tem um saci que entra na chaleira e fica soprando a água? Despejei o chá antes da fervura, não que estivesse me afobando, imagine, mas já disse que o chá não fica bom em água fervida. Quando afinal nos olhamos de frente sem chá e sem palavras, adivinha quem chegou. Nunca ela me pareceu tão grande como naquela noite com seu impermeável velhíssimo e cabeleira de tempestade. (LFT, 2009, p. 77)

Nesse momento ela atribui o fracasso à impossibilidade de expulsar as amigas de seu quarto. No dia seguinte, acaba conhecendo M.N., um homem casado, complicado, e indisponível. Deixou Fabrizio de lado por causa dele e espera por um amor inalcançável que nunca atingirá suas expectativas. Quando conversando com a amiga Lia sobre sua virgindade e essa pergunta de M.N., sua resposta é reveladora:

- Piorou muito depois que entrou num cursilho.
- Entrou num cursilho? Se entrou é porque está a fim de salvar o casamento. Você não vai ter nem amante nem marido. Fim.
- Mas quem é que quer casar?
- Você. Quer casar sim senhora, não pensa noutro assunto, certo? Pois então vamos partir pra um que seja livre, putz! E o Fabrizio?
- Sei lá. Sumiu. Me viu com M. N. e então fui franca, você sabe, não gosto de enganar ninguém. (LFT, 2009, p. 161)

O atual amor da jovem parece não querer abrir mão do casamento por ela ou ajudá-la a perder a virgindade. Essa foi a forma que Lorena encontrou para racionalizá-la. Como associou a virgindade ao amor não poderia se entregar sem amor, e como ama um homem comprometido, continua virgem. Depois, rejeita Guga, outro jovem amigo que vai ao seu encontro na concha. Ao encontrar Lia após o episódio com Guga ela comenta:

- O Guga acabou de sair — digo e baixo a voz: — Lião, Lião, ele me beijou na boca, fiquei perturbadíssima.
- E daí?
- Daí acabou, fechei depressa meu chambre e botei ele na rua, mas não é estranho? Todo crescido, o cabelo, a unha, todo assim arrepiado, sabe como é? E eu que sonho com um homem limpíssimo me excitei a ponto dele perceber, me deu assim uma vontade de rolar com ele pelo chão, empoeirado, suarento! Mas pensei em M.N. e quebrou-se o instante mágico. (LFT, 2009, p. 209)

Fica claro que essa situação não é confortável para Lorena, que continua reprimindo sua sexualidade, embora pense em sexo o tempo todo. A libido acumulada é tanta que a jovem precisa se masturbar, um hábito que a acompanha desde sua tenra adolescência:

"[...] Você também se masturba?" — perguntou cravando em mim o olho negro da inquisição. [...] Enfim, ela perguntou e se não respondi com maior nitidez foi porque nunca

podia bem alcançar aquela tarde lá atrás. Masturbação? Aquilo? Treze anos, lição de piano. *O Camponês Alegre*. Particpei tanto da alegria que a banqueta oscilava Para a frente e para trás, o ritmo se acelerando, acelerando. A ânsia no peito, o sexo pisoteando a almofada com a mesma veemência das mãos martelando o teclado sem vacilação, sem erro. Nunca toquei tão bem como naquela tarde, [...]. Na hora do jantar, mãezinha me beijou toda comovida: "Ouvi seu piano enquanto mexia a goiabada, você tocou divinamente." Então fiquei sorrindo para o prato: meu primeiro segredo. (LFT, 2009, p. 24)

Ela nega, pois acha a masturbação algo triste e antiestético. Ao ficar mais velha, o sexo vai atingindo uma conotação mais suja e por isso começa a se masturbar na banheira, um jeito de sentir prazer sem culpa, sem sujeira:

A segunda vez também foi na fazenda, enquanto tomava banho. Ainda por acaso. Entrei na banheira vazia, deitei-me no fundo e abri a torneira. O jorro quente caiu no meu peito com tamanha violência que escorreguei e ofereci a barriga. Da barriga já pisoteada o jato passou para o ventre e quando abri as pernas e ele me acertou em cheio, senti num susto a antiga exaltação artística mais forte embora dessa vez não tivesse o piano. (LFT, 2009, p. 25)

A sua mania por limpeza e organização, que acaba se tornando um TOC, é uma racionalização, uma forma de se limpar dos pensamentos impuros: “A desordem me deprime, Irmã. Ah, se eu pudesse me arrumar por dentro, tudo calminho nas gavetas. Minhocação demais” (LFT, 2009, p. 155). A desorganização interior de Lorena está também no misterioso episódio da morte do irmãozinho Rômulo, comentado diversas vezes pela personagem como o motivo pelo qual o irmão Remo optou pela vida diplomática. Ao perguntar pela foto de Rômulo no porta retratos da família, Lia ouve a seguinte resposta de mãezinha:

Minha pobre filhinha. Nem conheceu o irmão, é a caçula. Era menininha ainda quando começou a inventar isso, primeiro falava só com os empregados que vinham me perguntar, eu nem negava, disfarçava, que mal tinha? Continuou falando, na escola, nas festas, o caso começou a ficar mais sério, oh Deus, o mal-estar que eu sentia quando queriam saber se... Não queria que pensassem que ela estivesse mentindo, foi sempre uma criança tão verdadeira. Os médicos nos acalmaram, que não tinha essa gravidade, ia passar com o tempo, imaginação infantil rica demais, quem sabe na adolescência? Não passou. Roberto foi sempre tão confiante, tão seguro, me tranquilizava, não é nada. Falei com Doutor Francis, teve uma entrevista com Loreninha, achou-a inteligente, sensível. Está me compreendendo, querida? Não deu também maior importância. (LFT, 2009, p. 240)

O relato é questionado por Lia, pois mãezinha parece uma mulher infantil e pouco lúcida. Lia levanta ainda a hipótese de ter havido uma negação por parte desta para que pudesse suportar o trauma de ver um filho ser morto por outro. No entanto, o romance acaba sem nos revelar a verdade e as duas leituras continuam possíveis: tanto a de que Lorena tenha tido o irmão como um amigo imaginário, quanto a de que mãezinha tenha negado a existência do filho. O que esse episódio revela de importante é que tanto mãe quanto filha possuem a mesma propensão para a negação. As semelhanças entre elas não param por aí. Além do ar doméstico de Lorena, que parece ter sido o mesmo da mãe enquanto casada com seu pai, ambas possuem uma sexualidade muito reprimida, que foi exercida (não sem culpa) pela mãe. A postura que a mãezinha adquire depois da viuvez é

diferente da que tinha quando casada, mas algo permanece:

Acho que todo mundo segue igual até o fim. Mãezinha fazia goiabada, cuidava do jardim, bordava toalhinhas e era glingue-glongue. Agora faz plástica, massagem, análise e principalmente faz amor com outro homem. Mudou a circunstância. E ela? Igual. Não fica à vontade com Mieux como ficava com paizinho, é lógico. Representa. Mas continua insatisfeita e catastrófica. Com mais medo da velhice porque já está na velhice, coitadinha. Glingue-glongue. (LFT, 2009, p. 65)

Esse “Glingue-glongue” também pode ser interpretado como a reação de mãezinha ao seu mandato. A dificuldade expressa por uma mulher doméstica ao ter que se adaptar à vida de mulher sensual por não ter mais razões para continuar doméstica. O mandato de Lorena parece ser o mesmo, que é também transcendental:

Depende, querida. Já sei como vai ser, com minha avó foi igual, a avozinha se embonecava e tudo mas quando acontecia uma chateação muito forte, assumia a velhice até que o desgosto ia passando e ela ia resolvendo ficar em forma de novo e assim um monte de vezes, caía, levantava, caía, levantava. Numa dessas quedas — suspirou Lorena. (LFT, 2009, p. 253)

Com a recente depressão de mãezinha, ela deseja que Lorena vá morar com ela, numa tentativa de reaproximação com a filha que significaria a retomada de um controle maior. A ida de Lorena para o pensionato foi motivada pelo medo de mãezinha de se confrontar com a juventude da filha e, por fim, encarar a própria velhice. Como não tem mais o amante, não teria necessidade de aparentar ser mais jovem. Contudo, podemos perceber uma clara inversão de papéis expressa pelo desejo de mãezinha que a filha cuide dela, lhe faça companhia:

Tenho que ir, Lião. O analista, Mieux e mais o drama da velhice. Sinistro esse drama, de repente ela ficou com cem anos. Precisa de mim. (LFT, 2009, p. 254)

A infantilização é perceptível nas duas personagens pelo uso dos diminutivos (mãezinha, filhinha, avozinha). Mais adiante a amiga Lia percebe essa ciranda e tenta advertir Lorena:

Sacudo-a pelos ombros, parece que ficou criança de novo, ô, se volta com a mãe vai ficar mais criança ainda. — Você tem que viver sua vida ao seu modo e não do modo que os outros decidirem, ô, Lena, Lena, não sei explicar, mas aquela história do Tempo devorando os filhos, não é o deus Cronos? Ele mesmo ia parindo e ele mesmo ia devorando tudo. Mas de verdade não é o Tempo que engole a gente, é um tipo de mãe como a sua. Um pouco como a minha também. Presta atenção, salta fora e ela vai se dedicar a outra causa, a caridade, Deus, quem sabe até vai querer adotar uma criança? Minha mãe adotou uma, está radiosa lá com a garotinha que beija e castiga à vontade. (LFT, 2009, p. 254)

Lorena e a mãe estão extremamente conectadas, sendo cada uma o duplo da outra. Quando uma envelhece, a outra toma-lhe o posto. Assim, continuam eternamente jovens e prisioneiras dessa ordem repressora que lhes é infinitamente maior e mais poderosa.

Lia é a jovem revolucionária, filha de uma pai alemão, ex-soldado nazista, e uma mãe baiana (que não sabemos se é negra ou mulata). A estudante de Ciências Sociais, que já realizou

estudos sobre o comportamento sexual das jovens universitárias brasileiras, parece ter mais consciência da sua condição, tanto de feminista quanto de revolucionária. Por influência de suas duas posturas, feminista e de esquerda, ela se esforça para tomar o controle de seu corpo e sua sexualidade. O apelido dado pelas amigas, Lião, enfatiza tanto o seu tamanho quanto sua atitude de não se preocupar com a aparência do modo que as mulheres costumam se preocupar, sendo várias vezes confundida com uma lésbica masculinizada, ou “sapatão”. A suspeita fica evidente no comentário de Lorena faz a ela a respeito do que mãezinha pensa:

- Milhares de vezes já me perguntou se você é lésbica. [...]
- A situação fica mais preta porque agora não posso exibir Miguel, ô, como as pessoas se impressionam com o sexo do próximo. Deviam se impressionar com outras coisas. Você inclusive. (LFT, 2009, p. 211)

Ela parece encarar o sexo de forma bem diferente das amigas, pregando que a mulher deve tomar as rédeas da sua própria sexualidade. Ao se lembrar das primeiras vezes das amigas, Lorena reproduz a conversa com Lia sobre a perda de sua virgindade:

Lia com seu primeiro amante olhando para o teto e fumando, horrível, horrível. "Não sei explicar", começou ela. E explicou com pormenores que escolheu seu parceiro assim a frio, como se escolhe uma escova de dentes, pronto, vamos nos deitar. "E daí, Lia, o que foi que ele fez?" Lia pregava o zíper num jeans que há muito devia ter sido lavado. "Ora, ficamos na cama olhando o teto e fumando. Falamos sobre tanta coisa, entende. "Incrível. "Mas é incrível, Lião. Logo na primeira vez tudo tão gelado", explodiu. Lia examinou-a com uma expressão de cansaço. Arrancou nos dentes o último fiapo disponível de unha. "Gelado por quê? Fiquei com vontade de conhecer um homem e tomei as providências, onde está o gelo? Não é preciso fazer a histórica. Um tipo legal, estudante de medicina, nosso companheiro. (LFT, 2009, p. 170)

Nesse trecho aparece ainda a mania da personagem roer as unhas, o que acontece todas as vezes que suas posições são confrontadas. Esse hábito acaba revelando que Lia não é tão convicta quanto demonstra ser. A essa altura o leitor já sabe que a personagem teve um grande amor com uma outra jovem, Carla, e que foi obrigada a reprimir fortemente esse sentimento. Ela provavelmente concorda com Lena de que sua primeira vez com um homem foi algo frio, mas precisava afastar a ameaça da homossexualidade de qualquer maneira. Esse amor reprimido foi o real motivo de sua vinda para São Paulo e ele ainda deixa marcas na personagem:

Foi um amor profundo e triste, a gente sabia que se desconfiassem íamos sofrer mais. Então era preciso esconder nosso segredo como um roubo, um crime. Tanto susto. Começamos a falar igual. Rir igual. Tão íntimas como se tivesse me apaixonado por mim mesma. Não sei explicar, mas a primeira vez que me deitei com um homem tive então a sensação do amor do estranho. Do outro. [...] E eu tinha vontade de saber como era pra poder escolher. Escolhi. Mas quando lembro, ô, por que as pessoas interferem tanto? Ninguém sabe de nada e fica falando. Fazendo julgamento, tem juiz demais. (LFT, 2009, p. 130)

Ela tenta encarar homossexualidade sem preconceitos, mas seu preconceito maior está em negar a sua própria. Para fugir dela, assume desejos extremamente conservadores, revelando buscar

na realidade uma posição “confortável”. Entre a luta contra o regime militar e a espera por notícias do namorado, ela acaba se encaixando no papel da mulher compreensiva que serve para atestar a virilidade masculina, seja de seu amigo de luta, seja de seu namorado. Ela se lamenta ao pensar que nunca terá uma vida “normal”, de mãe e dona-de-casa. Fica claro no trecho a seguir que sua postura revolucionária é fruto maior da influência do namorado do que realmente seu desejo:

Miguel não quer saber de filhos, pelo menos por enquanto. Concordei, é evidente, mas tenho às vezes tanta vontade de me deitar como essa gata plena até à saciedade, tão penetrada e compenetrada da sua gravidez que não tem no corpo lotado espaço sequer pra um fiapo de palha. (LFT, 2009, p. 218)

Acaba agindo como se seu corpo servisse apenas para o deleite masculino e não para o próprio. Daí o desleixo com a aparência significar mais do que apenas uma consciência e o domínio do próprio corpo. Além disso, sua visão romântica do amor e do casamento revela que no íntimo a personagem espera uma recompensa da sociedade por ter reprimido tão eficientemente seu amor lésbico. A postura combativa da personagem é herança da mãe, que mesmo sendo uma dona-de-casa mostra ter o controle sobre o marido e diversos membros da família. O desejo de Lia em ser mãe e dona-de-casa revela ainda que espera exercer o comando no ambiente privado:

Não sei explicar, mas lá é como este café adocicado e quente. Minha mãe chegava a me abafar com tanto amor, preferia às vezes que me amasse menos. O velho disfarçando com carrancas, tios e tias estourando por todos os lados com os batalhões dos primos. Aconchegos, festinhas. Lembro de todos, amo todos mas não tenho vontade de voltar. Isso é saudade? Foi um período que se encerrou. Aqui começou outro e agora vai começar um terceiro período e então fico com esses dois períodos pra lembrar. Será saudade? (LFT, 2009, p. 142)

Existe uma contradição entre os desejos de Lia e os do namorado, pois ele parece incentivar a independência da namorada, mas a impede de ter sonhos e desejos considerados tradicionalmente femininos. Lia acaba fazendo as vontades de Miguel em detrimento das suas próprias:

Depois de três dias de choro minha mãe vai ficar ocupada demais em arrumar dinheiro, vai querer me ferrar, o pavor que eu passe fome no *estrangeiro*. Meu pai é um alemão sentimental mas contido, ele entende. Sou capaz de mandar de lá uma foto com vestido de noiva pra efeito familiar, obrigo Miguel a posar de noivo, ô! o sucesso da foto no porta-retrato de prata da sala de visitas. (LFT, 2009, p. 141)

Lia vai se encontrar com o namorado na Argélia, abrindo mão da família e das amigas. Em troca parece estar feliz com um casamento não convencional, mas que é pelo menos heterossexual e que vai afastar de vez o fantasma da sua homossexualidade. O seu altruísmo é outro índice de seu perfil doméstico, colocando o interesse dos outros e da causa acima dos próprios:

Não sei aguentar sofrimento dos outros, entende o seu sofrimento, Miguel. O meu aguentaria bem, sou dura. Mas se penso em você fico uma droga, quero chorar. Morrer. E estamos morrendo. (LFT, 2009, p. 19)

Ao se deparar com a morte de Ana Clara, a reação de Lia é mais infantil e imatura. Lorena, a quem a própria Lia considera imatura e dependente (LFT, 2009, p. 254), revela maturidade quando necessário, e a mulher combativa que Lia externa esconde uma grande parcela de mulher doméstica em seu interior. A personagem termina o romance indo para a Argélia ao encontro do namorado. Pela sua conduta é possível acreditar que termine casando e tendo filhos. Seu caráter combativo fará com que procure outro homem caso Miguel não consinta em procriar. No final, a menina que parecia ser a mais consciente dá pistas de que sua resolução será tão falhada quanto a das amigas. Lia falha em fugir do modelo da mãe, uma combativa dona-de-casa, mas cai em outro modelo contraditório, de uma doméstica-combativa.

Ana Clara (ou Turva) é a menina vinda da classe proletária atormentada pela violência sexual sofrida na infância. Curiosamente, estudante de psicologia, a jovem não consegue se livrar do trauma do abuso o qual tenta esquecer por meio das drogas. As causas do estupro atribuídas pela personagem, a miséria e a mãe, são combatidas por ela dentro de uma lógica que a insere constantemente nas condições de abusada:

Fico olhando meu ventre latejante. Limpo a cara no tapete. Tinha que engravidar? Tinha. Debiloide. Engravidando igualzinho. Mas o ano que vem me arranco feito um jato a diferença é essa ela virou formiga e eu. Me desgrudo desta pele e nasce outra sem tatuagem sem nada. (LFT, 2009, p. 93)

O plano de enriquecer da jovem modelo consiste em gastar um dinheiro que não tem em roupas caras para conquistar assim um homem rico e dessa forma não sofrer mais. Para conseguir levar o plano adiante ela lança mão de drogas, lubrificantes e até uma vaginoplastia está em seus planos, já que o noivo, chamado por ela de escamoso, quer se casar com uma mulher virgem. Apesar de não gostar de sexo, Ana Clara acaba mantendo relações com o namorado apenas para agradá-lo, ou seja, ela violenta a si mesma. Seu corpo e sua beleza são usados pela jovem na tentativa de galgar posições, mas se revelam como uma outra razão pela qual ela sofre os abusos:

Max eu te amo. Eu te amo mas não sinto nada nem com você nem com ninguém. Faz tempo que já não sinto nada. Travada. [...] Como vou sentir prazer com aquele escamoso se com este daqui que eu amo... (LFT, 2009, p. 37)

Ana Turva, além de tentar esquecer o passado com as drogas, mente compulsivamente na busca de re-escrever a própria origem:

Rasgo a certidão com o pai não sabido e ignorado e quero só ver. Certidão nova pago uma certidão nova com pai conhecido e sabido. Batizo meu pai pra me casar não posso? Nome de imperador. Então. Quando o escamoso ler a certidão certinha vai babar de gozo. [...] Por que meu pai não pode. Uma débil, minha mãe. Fazia amorzinho até em terreno baldio isso ela sabia fazer, mas agarrar um daqueles vagabundos pelo cabelo e levar ao registro, vamos você é o pai dela dê aí seu nome que você é o pai. Porque morreu vou ficar sentimental? (LFT, 2009, p. 84)

Não se pode afirmar que a mãe de Ana Clara fosse uma prostituta, mas ela dependia emocionalmente dos homens com quem se relacionava e que a desprezavam justamente por obterem dela o que queriam. Nesse aspecto, ela era tão abusada quanto a filha e esse comportamento é um dos motivos pelo qual Ana Clara parece ter raiva da mãe:

Você não mãe que você não contava história contava dinheiro. A carinha tão sem dinheiro contando o dinheiro que nunca dava pra nada. "Não dá" — ela dizia. Nunca dava porque era uma tonta que não cobrava de ninguém. Não dá não dá ela repetia mostrando o dinheirinho que não dava embolado na mão. Mas dar mesmo até que ela deu bastante. Pra meu gosto até que ela deu demais. Uma corja de piolhentos pedindo e ela dando. O mais importante foi o Doutor Algodãozinho. (LFT, 2009, p. 37)

O suposto desinteresse pela morte da mãe é racionalizado pela personagem como a única reação possível diante da ingenuidade da mãe. No entanto, leitura revela que essa foi uma experiência muito traumática para a jovem, que a partir daí se viu sozinha no mundo. Além disso, a mãe foi capaz de se matar por um filho rejeitado ainda no ventre por um homem, mas foi incapaz de lutar pela filha que já estava viva:

Com a colher empurrei a baratoná pro fundo não Madre Alix não quero mentir agora. Agora não. Não tive pena nem nada quando ela veio me dizer que tinha que tirar mais um filho porque o Sérgio não queria nem saber nesse tempo era o Sérgio. "Não quero nem saber" ele disse dando-lhe um bom pontapé. Uivou de desgosto o dia inteiro e nessa noite mesmo tomou formicida. Morreu mais encolhidinha do que uma formiga, nunca pensei que ela fosse assim pequena. Escureceu e encolheu como uma formiga e o formigueiro acabou. Rua dos Guaianases, fundos [...] "Ele matou seu irmãozinho" — ela choramingou apertando a barrigona. Quando voltei de noitinha a primeira coisa que vi foi a lata aberta no chão. Fiquei olhando, Não chorei nem nada mas por que havia? Não senti nada. Tinha a cara no travesseiro manchado de preto e o corpo encolhido e retorcido como a formiga no rótulo da lata. Apaguei a luz e saí pensando que se fosse trabalhar na manhã seguinte podia trazer lá da floricultura as flores de cabo quebrado. Mas não vou voltar a trabalhar nessa floricultura porque tenho ódio dessa floricultura. Não quero mais nada que odeio. Nunca mais ninguém vai me ver. Agora estou sozinha. Noite estrelada com gente do cortiço se despencando pelas janelas pelos muros. "Sua mãe está lá? A novela já começou. Ela não vem?" perguntou a Mina que engravidava dia-sim dia-não. Ia vibrar com a pílula. Minha mãe também ia mas às vezes falha. (LFT, 2009, p. 86)

Ainda nesse trecho, percebemos que a própria personagem reconhece a gravidez indesejada como um problema, quando fala da pílula, mas seu comportamento é igual ao da mãe, que despreza, pois está grávida e já fez um aborto. O modo como Ana Clara enxerga o sexo e os homens também se assemelha ao da mãe, pois ela depende deles para conseguir roupas e drogas – uma prostituição simbólica. Os favores que a mãe esperava conseguir em troca de sexo pelo dentista apelidado por Ana Clara de Dr. Algodãozinho, acabaram redundando na exigência de favores sexuais da filha:

Comigo vai ser diferente. Di-diferente repetia com os ratos que roque-roque roíam meu sono naquela construção embaratada di-ferente di-ferente repeti enquanto a mão arrebatava o botão da minha blusa. Onde será que foi parar meu botão eu disse e de repente ficou tão importante aquele botão que saltou quando a mão procurava mais embaixo por que os seios já não interessavam mais. Por que os seios já não interessavam mais por quê? O botão eu repeti cravando as unhas no plástico da cadeira e fechando os olhos pra não ver o cilindro de luz fria do teto piscando numa das extremidades e o botão? Não não é o botão que eu

quero é a ponte a ponte. A ponte me levaria pra longe da minha mãe e dos homens baratas tijolos longe longe. (LFT, 2009, p. 41)

Há um deslocamento no relato do estupro onde a personagem narra a história da perda dos botões da blusa enquanto a violência praticada pelo Dr. Algodãozinho aparece como pano de fundo. Durante os capítulos narrados por ela, esse mecanismo aparece diversas vezes, como quando vê ratos e baratas, que desviam sua atenção das lembranças ruins. Esse estado alterado de consciência é incapaz de trazer paz à jovem, pois permite que o inconsciente traga à tona as várias lembranças que foram reprimidas com muita dificuldade. Isso se dá porque o uso excessivo de drogas acaba enfraquecendo as resistências do ego de Ana Clara e ela acaba tendo que se esforçar, mesmo drogada, para desviar seus pensamentos traumáticos. Mesmo completamente delirante, Ana Clara insiste em dizer que está “podre de lúcida”, pois a jovem passa assim a reviver constantemente suas experiências traumáticas:

Mas por que minha cabeça tem que ser minha inimiga pomba. Só penso pensamento que me faz sofrer. Por que esta droga de cabeça tem tanto ódio de mim? Isso nenhum analista me explicou isso da cabeça (LFT, 2009, p. 36).

Ela pensa que o efeito da droga está passando e com isso a consome cada vez mais, o que acaba a matando. Ela acaba se matando, metaforicamente bebendo veneno, como a mãe. Ana Clara acaba como a mãe, sem controle do próprio corpo e vítima da sociedade patriarcal. Sua luta para escapar desse destino não prospera, pois ela combate a lembrança da mãe e da pobreza, os dois aspectos de sua vida que poderiam ensinar-lhe alguma coisa. O seu desespero em parecer rica a torna vulgar e revela a todos uma origem que ela tenta apagar, esquecer. Como uma personagem de tragédia grega, tudo o que faz para fugir de seu destino acaba a levando direto em direção a ele.

Especular como as personagens resolveram esse conflito é cair numa armadilha machadiana²⁷, o importante é perceber como esse mecanismo é capaz de tragar as filhas para dentro da mesma ordem social que vem sendo imposta às mães. As diferentes posturas, sensual, doméstica e combativa, continuam reproduzindo mulheres-mães e deixando a diversidade limitada aos interiores dos corpos.

27 A armadilha machadiana é uma referência ao modo como Lygia Fagundes Telles encerra suas narrativas. Assim como Machado de Assis, ela sempre deixa uma dúvida no leitor. No caso da autora essa dúvida é um final em aberto para a protagonista.

8 CONCLUSÃO

Ao findar da leitura das narrativas, pode-se perceber com mais detalhamento o difícil dilema que é colocado às filhas-personagens. Elas devem decidir entre renegar a mãe, matá-la metaforicamente, ou aceitá-la. Na primeira opção, a mulher mata também a si mesma, visto que quando o dilema lhe é imposto, sua individualidade ainda é ligada à da mãe. Na segunda, a mulher encara outro risco: de perder-se a si mesma na imersão dentro da figura materna. A representação dos conflitos na literatura feminina, especialmente na de LFT, desvela muitos aspectos dessa relação, mas sua resolução foge à produção literária, pois é algo complexo demais.

Muitas escritoras optam por matarem suas protagonistas ou as enlouquecerem no final da trama, mostrando que à mulher é permitido apenas calar sua revolta e se adequar a algum estilo dito feminino. Isso acontece porque a realização feminina como sujeito social ainda está pautada no casamento e na maternidade. Outras tantas preferem terminar seus romances antes que a solução venha à tona, deixando uma ponta de esperança no ar. Os romances de LFT fazem parte do segundo grupo, segundo a própria autora:

A função do escritor? Ser testemunha do seu tempo e da sua sociedade. Escrever por aqueles que não podem escrever. Falar por aqueles que muitas vezes esperam ouvir da nossa boca a palavra que gostariam de dizer. Comunicar-se com o próximo e se possível, *mesmo por meio de soluções ambíguas*, ajudá-lo no seu sofrimento e na sua esperança. (LFT, 1980, p. 159 grifo nosso)

A falta de representação na Literatura para a solução do problema da repressão sexual que continua sendo imposta às filhas pelas mães nos coloca uma questão ainda pungente: Não existe nenhuma outra forma de educação feminina, menos repressora, que seja bem sucedida e, portanto, que possa ser usada como modelo para a Literatura? Por que o pacto existente entre o autor e o leitor parece se romper quando uma solução otimista para esse embate aparece abertamente?

Segundo Cristina Ferreira Pinto, a escritora entra num universo estritamente masculino, onde há uma tradição estabelecida. Sabemos ainda que a Literatura Brasileira é extremamente conservadora em suas críticas e *praxis*²⁸, reservando pouco espaço no cânone para as escritoras, embora haja uma grande produção e um número muito maior de escritoras do que aquelas que se configuram no meio literário. Muitas escritoras se sentiram e ainda se sentem desconfortáveis para tocar em temas “femininos” diante dessa tradição que menospreza sua condição e que pouco as legitima como profissionais.

A teórica Cristina Ferreira Pinto acredita que o desenvolvimento de LFT como escritora tem sido um processo gradual que acompanha a liberação da própria autora como mulher no

28 Maiores informações sobre a representação da mulher na Literatura Brasileira in: DALCASTAGNÈ (2007)

desenvolvimento e amadurecimento de sua consciência feminista:

Her works, particularly her novels, reflect this process of social transformation, since they are influenced by these changes, but they also try to make sense of this social process and thus are a reflection on these changes, a reflection the author encourages her readers to share. (PINTO, 1993, p. 5)²⁹

Esse amadurecimento pode servir de exemplo para outras escritoras no sentido do estabelecimento de uma tradição feminina que minimize os efeitos da angústia autoral³⁰. Seguindo essa percepção, a obra ficcional de LFT recobre um período que vai de 1940 à 1995³¹. Nesses cinquenta e cinco anos, a autora apresenta personagens cada vez mais independentes e sintonizadas com a pluralidade de modelos oferecidos pela sociedade brasileira urbana, tais modelos vão desde Ana Luísa (*O Espartilho*) que tinha independência para cursar faculdade, até as protagonistas de *As Meninas*, morando longe dos pais, passando por chefes de família, como Patrícia. Entretanto, a própria consciência feminista da autora, como das personagens, não parece ser suficiente para romper a ciranda do modelo de maternação feminina que gera tanta dor e trauma.

As personagens analisadas são por um lado, bem sucedidas em fugir às normas e compreender as próprias mães e em outros tantos aspectos elas falham. A personagem Ana Luísa sente na pele o controle sexual exercido pela avó. Uma avó-rainha cheia de meias palavras nunca disponível ao embate direto. Numa comparação com o discurso patriarcal, a avó de Ana Luísa age de modo equivalente a ele, controlando, manipulando e reduzindo a liberdade de agir da neta. A raiva de Ana Luísa é direcionada durante muito tempo contra a avó, aquela pessoa que critica a sua aparência, regula seus hábitos e relacionamentos. Em sua defesa, a avó de Ana Luísa desconhece outras possibilidades femininas.

Ela exerce seu poder de um lugar confortável para ela. A morte do marido a legitimou no poder dentro do lar – agora ela poderia fazer o que bem lhe apetecesse sem prestar contas. Ela não presta contas a uma figura real, no entanto, seu espartilho está lá, bem apertado para lhe lembrar que o poder ela só pode exercer se respeitar uma condição – seguir a norma. Mas a avó está tão afeita às normas, representadas pelo espartilho, que se sente melhor usando-o. Ou seja, ela não saberia o que fazer sem ele. Apenas no final do conto, Ana Luísa percebe que a avó dorme usando o espartilho e assim ela pode compreender o quão vítima ela é das normas. A diferença entre as duas e a consequente vitória de Ana Luísa reside no fato da jovem compreender essa ordem, desse modo se abre para ela a possibilidade de escapar, fugir da avó. Sua derrota, entretanto, se concretiza na única possibilidade de vitória contra as normas estar no abandono da avó. Ana Luísa vai se afastar da avó,

29 Seu trabalho, particularmente seus romances, refletem esse processo de transformação social, já que são influenciados por essas mudanças, mas eles também tentam fazer sentido de tal processo social e são, portanto, uma reflexão sobre dessas mudanças, uma reflexão que a autora encoraja a seus leitores dividirem. (tradução minha)

30 A angústia autoral ou “anxiety of authorship” foi colocada na introdução.

31 Data da última publicação de LFT, *As horas nuas*.

sua figura materna, mas nada garante que ela romperá o ciclo e, além disso, tudo indica que a personagem não conseguirá se inserir na sociedade, seguindo o destino esperado para as mulheres que não se adaptam às normas.

Raíza parece conhecer a condição feminina desde o princípio do livro. Ela não consegue subverter a ordem, pois está muito presa aos estereótipos femininos. Seu drama é fruto de seu comportamento controverso, pois apesar de promíscua ela defende a moral e os bons costumes. Não se aceita como é e condena na mãe o menor deslize. Raíza também culpa a mãe por todas as normas de conduta que lhe são impostas, ela parece achar que as normas emanam da mãe. Outra contradição, já que parece conhecer claramente o lugar dela como desviante na sociedade. Raíza, ao contrário das outras personagens, decresce ao longo da narrativa se convertendo de uma mulher sexualmente livre em uma “Magdalena arrependida”. Sua prima Marfa concluí o projeto que parece ser o destino de Raíza: abandonar a vida boêmia tal como uma “fase” e se adaptar aos padrões femininos – casar.

As meninas carregam em si os desfechos até então conhecidos para narrativas de formação femininas. Ana Clara morre, Lia vai embora da sociedade em que vive e Lorena termina na iminência de ser novamente dominada pela mãe. Apesar disso, Ana Clara é a única que realmente falha na narrativa, pois não consegue compreender de quem ou do quê é vítima. Lia pode tanto vencer quanto fracassar. Por um lado ela se inserirá em uma outra sociedade, mas como esposa (ou companheira) de Miguel. Ela perderá assim sua individualidade e se adequará ao papel tradicional de esposa. Durante a narrativa ela demonstra claramente o desejo de ser mãe, nos fazendo crer terminará como esposa e mãe, mesmo que não seja nos moldes tradicionais. Lorena reluta em voltar para casa da mãe. Pensamos, durante o romance, que ela é a mais imatura e dependente de todas, mas no episódio da morte de Ana Clara, ela revela sua maturidade, tomando conta da situação. Ao ficar responsável por cuidar da mãezinha, Lorena poderá inverter os papéis com a mãe, mas de qualquer modo, assumirá outro papel da mulher na sociedade – a filha virgem que cuida dos pais³².

O que a análise das obras nos mostra reflete uma atual postura do feminismo que parece se preocupar com a sexualidade da mulher como algo distante da sua relação com a figura materna, *a posteriori* de sua condição de filha, como se uma coisa fosse independente da outra. Com isso a libertação da *zona sul*³³ propiciada por um alívio das pressões na *zona norte* fica aquém do esperado para uma época de tantas mudanças sociais. A transmissão da repressão sexual às filhas pelas mães parece ser um tabu maior até do que a própria sexualidade feminina. Há muito as personagens conseguem sentir prazer na literatura, mas ainda, quando se tornam mães, acabam seguindo a antiga

32 O que também pode ser denominado de “ficar para titia”.

33 Expressão usada pela personagem Lorena, *As Meninas*, para indicar a sexualidade ou os órgãos genitais. A mesma personagem apelida de *zona norte* a mente consciente.

cartilha do silêncio. O que leva ainda a definir a identidade feminina ainda a partir da maternidade?
O meu corpo é um útero?

A maioria das mulheres foge a essas questões. O medo ainda ronda aquelas que tem dúvidas acerca da maternidade. Quando LFT nasceu, nos anos 20, as coisas eram bem diferentes. Não era comum as mães falarem de sexo com suas filhas. E ela relata isso:

– Morta *virgem*?

– [...] Virgem porque nunca conheceu um homem, como diz a Bíblia, virgem como as freirinhas lá do seu colégio, entendeu agora?

Fiz que sim com a cabeça. (LFT, 2007, p. 10, grifo nosso)

Mas e hoje? Ainda assim o é. Quando as mães se propõem a orientar as filhas, como vimos nas narrativas, sua preocupação se dá no sentido social – manter a virgindade da filha para que ela seja bem falada, garantir um casamento bom ou rápido para que não corra o risco de “se perder”. E se algum problema acontecer, “quando casar, sara” (a exemplo das soluções encontrada pela avó de Ana Luísa pelo seu “deslize”, e pela mãe de Raíza). As mulheres perdem a virgindade antes do casamento por amor, curiosidade, vontade, mas raras são aquelas que podem pedir conselhos às mães.

Essa realidade é paradoxal, pois sabemos que mesmo que a maioria das “mães” não tenha casado virgem, sua sexualidade antes e depois de se tornarem mães permanece um tabu. Sabe-se que a mãe não é mais virgem por razões óbvias, mas não se pode ir além disso. Do mesmo modo, a mãe nega que a filha tenha sexualidade, preferindo encarar a perda de sua virgindade apenas depois do casamento. Essa atitude corrobora para que a sexualidade feminina continue sendo inserida num discurso masculino, pois as mulheres se calam em muitos aspectos. A culpa não é, certamente, da literatura. Como bem disse LFT, seu maior papel é testemunhar seu próprio tempo. A escrita feminina dá voz a um aspecto do silêncio, mas a relação entre mãe e filha permanece silenciada pela própria realidade. A mãe também não é culpada. Ela silencia sua sexualidade e controla a da filha para que lhe seja concedido o poder dentro do lar. Se a mulher não agir assim quando mãe correrá um grande risco de perder a moral dentro de casa, como ilustra a raiva que tem Raíza apenas com a possibilidade do namoro entre sua mãe e um homem mais novo. A escritora também sente essa pressão da sociedade e no seu caso parece ser ainda mais forte, afinal, escrever não é coisa de mulher. Como fugir desse embate?

A maternidade, apesar de todo alcance que ganhou nos estudos feministas, ainda é vista como uma inevitável consequência de ser mulher. As razões dessa visão são atribuídas à sociedade patriarcal e às famílias, mas a relação reprodutora de mulheres como mães, que é primeiramente uma relação entre mãe-filha, não é devidamente estudada. Isso contribui para que a sociedade atualize o modelo de maternidade nas mesmas bases patriarcais onde ela sempre esteve, mesmo

vestindo uma nova roupagem com mães solteiras, adotivas, homossexuais e etc. As mulheres continuam reproduzindo mães para essa sociedade. As teóricas feministas, com poucas exceções, universalizam a relação entre mãe e filho, tornando esse filho sempre em homem no imaginário da crítica. Desse modo exclui-se a figura feminina do papel de filha e o foco do problema se concentra em apenas resolver a identidade da mulher-mãe.

É preciso reforçar que toda mulher é filha, mas nem toda mulher é (ou será) mãe. Apesar de parecer óbvio, a mulher enquanto filha só é analisada depois que se torna mãe ou na sua possibilidade de sê-lo. Nos primórdios da literatura feminina a figura materna era muitas vezes interdita e a protagonista estava na condição de filha. Talvez essa fosse uma forma encontrada pelas autoras de livrar as mães (e a si próprias) de um questionamento que estava muito longe do seu alcance resolver ou da culpa por um possível desvio da filha. Esse era um meio de preservar a imagem da mãe no imaginário social, pois ela era a mais respeitável que uma mulher poderia ter.

Com a mudança da condição da mulher da classe média e alta na modernidade (a mulher escritora) e sua possibilidade, mesmo que pequena, de participar da vida pública, as mulheres conseguiram tratar de seus próprios temas, mesmo que de forma ambivalente. Atualmente vemos um crescimento de protagonistas mulheres como mães, desse ponto elas questionam a própria maternidade – a partir do reconhecimento da dor da própria mãe. Acredita-se que assim a maternidade pode ser melhor aceita pela mulher³⁴ na sua afirmação como sujeito. O problema está que esse reconhecimento é pressupostamente adquirido apenas depois que a mulher se torna mãe. Logo, as mães se eximem, mesmo que seja de maneira inconsciente, de se explicarem ou fazer suas filhas entenderem o significado da maternidade, e também, de tentar tornar essa relação mais pacífica, pois a vida lhes ensina, e nada a questiona, que somente quando forem mães, suas filhas as entenderão e perdoarão.

O mito do amor materno reforça, em contrapartida, a desobrigação da filha entender a mãe antes de se tornar uma, pois todas as obrigações nessa relação estão implicitamente sobre a mãe. O silêncio a respeito dessa questão é reforçado pela caracterização materna das mulheres, que conforta as mães com a certeza de que suas filhas também serão mães. Caso suas filhas não sigam o modelo, será tarde demais para tentar outra forma de abordagem, a maioria das mulheres se considerará derrotada, achando que falhou na criação das filhas e suas filhas talvez nunca as entendam. Se o modelo for seguido, ou seja, se as filhas forem mães, somente entenderão as suas quando e se tiverem uma filha. Mesmo nesse caso ainda correm o risco de jamais compreenderem a própria mãe, pois o silêncio dessa relação incapacita grande parte das mulheres, o que reproduz o ciclo vicioso, além de fazer parte do senso comum e um mal necessário se culpar à mãe.

34 STEVENS, 2006, p. 55

A literatura sozinha não é capaz de romper esse ciclo. As autoras mulheres ainda sofrem com o dilema entre a Literatura e a “literatura feminina”. Muito já está implícito quando a personagem Ana Luísa se questiona do porque o amor de sua avó por ela ser tão inacessível. Ela talvez chegue perto de compreender e perdoar a própria avó, entendendo que ela é mais uma vítima do que uma peça fundamental nesse jogo de xadrez. Mas a literatura necessita que hajam forças sociais que o desejem e/ou o façam para que assim ela possa dar voz e findar esse silêncio. Talvez se possa esperar mais da literatura feminina; um destino menos trágico ou implícito para as protagonistas femininas que rompem as normas. Isso porque, mesmo sofrendo com a ansiedade autoral, o crescimento da consciência feminista em muitas escritoras têm lhes possibilitado um amadurecimento literário que as torna “o modelo pessoal e textual que faltava, [e] vai estabelecendo uma tradição literária feminina” (PINTO, 1990, p. 24).

Resta-nos contribuir e incentivar as novas escritoras a vencerem a ansiedade, pois elas não precisam e não devem mais negar publicamente seu feminismo. Uma nova perspectiva se desenha com a eleição da primeira mulher presidenta do Brasil. Devemos lembrar o papel das mulheres conscientes de sua condição e deixar de lado o pessimismo pós-moderno, pois a identidade que está em crise é aquela que sempre foi hegemônica. Precisamos pensar um novo tipo de mãe para um novo tipo de filha, refletindo assim aquilo que já pode ser escrito, mesmo que ficcionalmente, sem ferir o pacto com o leitor, pois o “ostracismo feminino” não é mais punição obrigatória para aquelas que fogem às normas. E conseguir assim uma nova relação entre mães e filhas que não seja marcada por silêncios e imposições neurotizantes.

REFERÊNCIAS

CORPUS

TELLES, Lygia Fagundes. **As Meninas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. Posfácio: Cristovão Tezza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. O espartilho. *In: A estrutura da bolha de sabão: contos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. Posfácio: Alfredo Bosi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **Verão no Aquário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

OUTRAS OBRAS DA AUTORA

TELLES, Lygia Fagundes. **A Disciplina do Amor**. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

_____. **A noite escura mais eu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

_____. **Antes do baile verde: contos**. Posfácio: Antônio Dimas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Ciranda de Pedra**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Conspiração de Nuvens**. Suênio Campos Lucena (org.). Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

_____. **Meus contos esquecidos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

APORTE TEÓRICO

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução: Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Vol. 1 e 2. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine**. Paris: Éditions du Seuil, 1998 et septembre 2002 pour la préface.

CALDWELL, Kia Lilly. **Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil**. Revista de Estudos Feministas, vol. 8, n. 2, 2000.

CHODOROW, Nancy. **Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

DALCASTAGNÈ, Regina e LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. **Deslocamentos de Gênero na Narrativa Brasileira Contemporânea**. São Paulo: Horizonte, 2010.

DEL PRIORE, Mary (org.); E; BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. Tradução: Waltensir Dutra; revisão, João Azenha Jr. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. 2A ed. São Paulo: Edusp, 2009.

FLAX, Jane. **Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista**. In: **Pós-modernismo e política**. Org. Heloísa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FORNA, Aminatta. **Mãe de todos os mitos: como a sociedade modela e reprime as mães**. Tradução: Ângela Lobo de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: o nascimento da prisão**. Tradução: Raquel Ramalhete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guillon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **História da Sexualidade II: O uso dos prazeres**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque. Revisão técnica: J. A. Guillon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREUD, Sigmund. **Sobre o Feminino**. In: Obras completas.

_____. **Cinco lições de psicanálise; Contribuições à psicologia do amor**. Tradução: Durval Marcondes [et al.]. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **Esboço de psicanálise**. Tradução: Maria Aparecida Moraes Rego. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo na sociedades modernas**. Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1993.

GUBAR, Susan. **Infection in the sentence**. In: GILBERT, Sandra M; GUBAR, Susan. **Madwoman in the attic: The woman writer and the nineteenth-century literary imagination(the)**. New Haven: Yale Univ. Press, 1984.

GREER, Germaine. **Sexo e destino: a política da fertilidade humana**. Tradução: Alfredo Barcelos. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LEITE, Ligia Chiapini Moraes. **O foco narrativo: ou a polêmica em torno da ilusão**. São Paulo: Ática 2004, série Princípios.

LIMA, Rossano Cabral. **Somos todos desatentos?; O TDA/H e a construção de bioidentidades**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio: Uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. 4 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

NICHOLSON, Linda. **Interpretando o gênero**. Revista de Estudos Feministas. Revista de Estudos Feministas, v. 8, n. 2, p. 9-41, 2000.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1995.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença: o feminismo emergente**. São Paulo, 2a ed., Brasiliense, 1992.

PERROT, Michelle. **Os silêncios do corpo da mulher In: O corpo feminino em debate**. Org.

Maria Izilda S. de Matos e Rachel Soihet. – São Paulo: UNESP, 2003.

PINTO, Cristina Ferreira. **O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PINTO, Cristina Ferreira. **Consciência feminista/identidade feminina: relações entre mulheres na obra de Lygia Fagundes Telles**. In: SHARPE, Peggy (org.). **Entre resistir e identificar-se; para uma teoria da prática na narrativa brasileira de autoria feminina**. Florianópolis: Mulheres, 1997.

PIRES, Orlando. **Manual de teoria e técnica literária**. Rio de Janeiro: Presença; 2 ed., 1985.

PRAVAZ, Suzana. **Três Estilos de Mulher: a doméstica, a sensual, a combativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

RAPPAPORT, Clara Regina; FIORI, Wagner da Rocha, DAVIS, Cláudia. **Psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1981.

RUBIN, Gayle. **The Traffic in Women**. In: GILBERT, Sandra M; GUBAR, Susan. **Madwoman in the attic: The woman writer and the nineteenth-century literary imagination(the)**. New Haven: Yale Univ. Press, 1984.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da literatura**. São Paulo: Ática, 2007, série Princípios.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Pensando (d)as margens: Estará o cânone em estado de sítio?** In: V Congresso da ABRALIC, 1997, Rio de Janeiro. **Cânones e contextos: ANAIS do V Congresso da ABRALIC**. Rio de Janeiro : ABRALIC, 1996. v. 1. p. 287-292.

_____. **Cânone/Contra-Cânone: nem aquele que é o mesmo nem este que é o outro**. In: Tania Carvalhal. (Org.). **O Discurso crítico na América Latina**. PORTO ALEGRE: Editora da UFRGS/IEL, 1996, v. , p. 115-121.

_____. **Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira**. Revista de Estudos Feministas, vol. 14, n. 3, p. 765-799. Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v14n3/a11v14n3.pdf>> Acesso em março, 2009.

SCHWANTES, Cíntia. **Interferindo no cânone: a questão do Bildungsroman feminino com elementos góticos**. Tese de doutorado em Literatura Comparada, UFRGS, 1997.

SHOWALTER, Elaine. **A crítica feminina no território selvagem**. In: **Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura**. Org. Eloisa Buarque de Hollanda. São Paulo: Rocco, ?.

STEVENS, Cristina. **Maternidade e Feminismo: diálogos interdisciplinares**. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2007.

TEIXEIRA, Ricardo A. **Chocolate: bom mesmo para a saúde ou puro prazer?** In: <<http://consciencianodiaadia.com/2008/04/23/chocolate-bom-mesmo-para-a-saude-ou-puro-prazer/>> Acesso em outubro de 2010.

TUBERT, Silvia. **Mulheres sem sombra: maternidade e novas tecnologias reprodutivas**. Tradução: Graciela Rodrigues. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

XAVIER, E. C. F. **A representação da família no banco dos réus**. Interdisciplinar - Revista de Estudos de Língua e Literatura, v. 1, p. 6-21, 2006.

FORTUNA CRÍTICA

BORGES, Florípedes do Carmo Coalho. **Na contramão da história: o Bildungsroman feminino em Lygia Fagundes Telles, Helena Parente Cunha e Lya Luft**. Tese de mestrado em literatura brasileira, Universidade de Brasília – UnB, 2007.

CAVALCANTE, Iliane Ferreira. **Relações familiares em Verão no aquário e As meninas de Lygia Fagundes Telles**. Revista *online* Kplus n. 122. Disponível em: <<http://www.kplus.com.br/materia.asp?co=412&rv=Literatura>> Acesso em: 17 ago. 2010.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A construção do feminino no romance brasileiro contemporâneo**. In: Política Democrática (Brasília), v. 17, p. 141-147, 2007

MARTINS, Rejânia Maria. **Tecendo a malha do (des)entendimento: Repressão sexual e racismo nas mulheres espartilhadas de Lygia Fagundes Telles**. Tese de Mestrado em Literatura Brasileira, UnB, Brasília, 2008.

PEDRA, Mabel Knust. **Sombra silenciosa: Impotência e solidão em dois contos de Lygia Fagundes Telles**. In: DARANDINA revista eletrônica v.1 n.1
http://www.darandina.ufjf.br/textos/abril_2008/artigos_pos_graduacao/sombra.pdf

RUELA, Natália. **Feminismo e a construção de identidades femininas: As Meninas de Lygia Fagundes Telles**. Dissertação de mestrado da Universidade Estadual de Maringá, 2009.